



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS**



**LUIS FELIPPE DE CAMPOS LIMA**

**Estudo dos Protocolos de Análise de Jogo Sobre a Produção de  
Informação no Futebol**

Limeira  
2022



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS**



**LUIS FELIPPE DE CAMPOS LIMA**

**Estudo dos Protocolos de Análise de Jogo Sobre a Produção de Informação no  
Futebol**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências do Esporte à Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas.

Orientador(a): Prof. Dr. Alcides José Scaglia

Coorientador: Prof. Dr. Luis Felipe Nogueira Silva

Limeira  
2022

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Ciências Aplicadas  
Ana Luiza Clemente de Abreu Valério - CRB 8/10669

L628e Lima, Luis Felipe de Campos, 1998-  
Estudo dos protocolos de análise de jogo sobre a produção de informação no futebol / Luis Felipe de Campos Lima. – Limeira, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Alcides José Scaglia.  
Coorientador: Luis Felipe Nogueira Silva.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas.

1. Futebol. 2. Treinadores de futebol. I. Scaglia, Alcides José, 1972-. II. Silva, Luis Felipe Nogueira, 1993-. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Aplicadas. IV. Título.

Informações adicionais, complementares

**Palavras-chave em inglês:**

Soccer

Soccer coaches

**Titulação:** Bacharel em Ciências do Esporte

**Banca examinadora:**

Gabriel Orenga Sandoval

**Data de entrega do trabalho definitivo:** 13-12-2022



**Autor:** Luis Felipe de Campos Lima

**Título:** Estudo dos Protocolos de Análise de Jogo Sobre a Produção de Informação no Futebol

**Natureza:** Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências do Esporte

**Instituição:** Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas

**Aprovado em:** 12/12/2022.

## **BANCA EXAMINADORA**

Alcides José Scaglia  
Prof(a). Dr(a). Nome (Orientador(a)) – Presidente  
Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

Luis Felipe Nogueira Silva  
Prof(a). Dr(a). Nome completo – Coorientador(a)  
Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

Gabriel Orega Sandoval  
Prof(a). Dr(a). Nome completo – Avaliador  
Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

Este exemplar corresponde à versão final da monografia aprovada.

Alcides José Scaglia  
Prof(a). Dr(a). Nome (Orientador(a))  
Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/UNICAMP)

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de primeiramente agradecer a Deus pela vida, e pelas condições que me Ele me proporcionou viver até o presente momento. Em segundo plano, agradecer a minha família, aos meus pais Ademir e Lucinéia, bem como a minha irmã Natália por todo suporte ao longo desse período. Ademais, agradeço também ao Prof. Dr. Alcides pela disposição e participação na construção do conhecimento de minha formação, e também ao Prof. Dr. Luis Felipe Nogueira Silva por ter me acompanhado no desenvolvimento do principal trabalho em minha passagem pela Universidade. Além disso, agradeço a minha parceira Giovanna por na reta final me dar todo suporte necessário para manter a tranquilidade. Por fim, agradeço aos amigos que fiz, em especial a Gabriel Franco, Lucas Felipe e Gabriel Cabral por fazerem parte dessa história.

Você faz o seu melhor ou o possível?  
Faça o seu melhor,  
nas condições que você tem,  
enquanto não tem condições melhores,  
para fazer melhor ainda.  
Mario Sérgio Cortella

LIMA, Luis Felipe de Campos. Estudos dos Protocolos de Análise de Jogo Sobre a Produção de Informação no Futebol. 2022. nºf. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências do Esporte.) – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2022.

## RESUMO

Sabe-se que os estudos no futebol têm sido constantemente evoluídos dada a importância que a modalidade adquiriu ao longo dos anos. Dito isso, uma das áreas que vem se desenvolvendo mais recente é análise de jogo. Desse modo, buscou-se investigar como os protocolos de análise de jogo são construídos. Além disso, o estudo buscou compreender qual seria o tipo de participação do treinador ao longo deste processo e também como essas informações são geridas e transformadas em conhecimento aplicado. Verificou-se que, via de regra, a proposta e filosofia do treinador e treinadora guiará o planejamento dos dados que serão coletados. Estes dados são transformados em informações e armazenados em um banco de dados e compartilhados com agentes a quem interessam como atletas, dirigentes e comissão técnica. Existe um ambiente de aprendizagem informal e formal da construção do conhecimento, através de discussões e apresentações, em que jogadores e jogadoras são responsáveis por analisar e explicar o jogo, mediados e mediadas pelo analista de jogo. Além disso, as sessões de treinos são criadas com o objetivo de explorar a apresentação das informações desenvolvidas pelo analista de jogo (FREIRE, 2020).

**Palavras-chave:** Futebol; Análise de Jogo; Protocolo.

LIMA, Luis Felipe de Campos. Study of Game Analysis Protocols on the Production of Information in Football. 2022. nºf. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências do Esporte.) – Faculdade de Ciências Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas. Limeira, 2022.

### **ABSTRACT**

It is known that football studies have been constantly evolving given the importance that the sport has acquired over the years. That said, one of the areas that has been developing more recently is game analysis. Thus, we sought to investigate how game analysis protocols are constructed. In addition, the study sought to understand what kind of coach participation would be throughout this process and also how this information is managed and transformed into applied knowledge. It was found that, as a rule, the coach's proposal and philosophy will guide the planning of the data that will be collected. These data are transformed into information and stored in a database and shared with interested agents such as athletes, directors and coaching staff. There is an informal and formal learning environment of knowledge construction, through discussions and presentations, in which players are responsible for analyzing and explaining the game, mediated by the game analyst. In addition, training sessions are created with the aim of exploring the presentation of information developed by the game analyst (FREIRE, 2020).

**Keywords:** Soccer; Match Analysis; Performance

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Processo de sumarização. Adaptado em Mayring.....	28
----------	---	----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Revisão Bibliográfica .....	23
Tabela 2	Identificação dos Participantes.....	26
Tabela 3	Condutas e ambientes Coisificantes e Humanizantes.....	29
Tabela 4	Unidades de contexto e categorias.....	32
Tabela 5	Respostas referente ao tópico processos metodológicos.....	42
Tabela 6	Respostas referente ao tópico banco de dados.....	43

## LISTA DE ANEXOS

Anexo 1	Roteiro de entrevista .....	63
---------	-----------------------------	----



## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	MARCO TEÓRICO .....	15
2.1	JOGO ENQUANTO FENÔMENO ANTROPOLÓGICO .....	15
2.2	HISTÓRIA DA ANÁLISE DE DESEMPENHO .....	17
2.3	PANORAMA GERAL E CONTEXTUAL DO ANALISTA DE DESEMPENHO: QUEM É E O QUE FAZ? .....	18
2.4	O ANALISTA E A VIGILÂNCIA .....	21
3	RESUMOS DAS ATIVIDADES .....	22
3.1	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	22
4	METODOLOGIA.....	24
4.1	PROCEDIMENTOS ÉTICOS .....	24
4.2	CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO .....	25
4.3	AMOSTRA .....	25
4.3.1	SUJEITOS.....	25
4.4	COLETA DE DADOS .....	26
4.4.1	ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA.....	26
4.4.2	ANÁLISE DE DADOS.....	27
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	28
5.1	NECESSIDADES DO TREINADOR .....	39
5.2	FASES E MOMENTOS DO JOGO.....	41
5.3	PROCESSOS METODOLÓGICOS .....	41
5.4	BANCO DE DADOS.....	43
5.5	TREINOS .....	44
5.6	PARTICIPAÇÃO DO TREINADOR.....	46

5.7	MATERIAL EXTRA CAMPO.....	46
5.8	ANÁLISE DA FUNÇÃO.....	47
5.9	AMBIENTE DE APRENDIZAGEM .....	49
5.10	APRESENTAÇÃO .....	53
5.11	MONITORAMENTO DOS DADOS .....	54
5.12	OBJETIVO DE ANÁLISE .....	55
5.13	DEFINIÇÃO DOS CRITÉRIOS.....	56
6	CONCLUSÃO.....	57
7	REFERÊNCIAS .....	58

## INTRODUÇÃO

O estudo no futebol tem avançado constantemente, particularmente relacionado a observação e análise do jogo (DUARTE, 2017). No entanto, a análise de desempenho enquanto parte de um ecossistema esportivo complexo e sistêmico não parece ser tão recente quanto parece. No entanto, nos últimos tempos o futebol tem evoluído de tal forma que alcançou um nível de complexidade alto (SILVA, CASTELO, SANTOS, 2011). E nesse contexto, aliado a dimensão dos objetivos esportivos dos clubes, treinadores e jogadores, exigindo níveis de performance máxima de rendimento, o nível competitivo se eleva consideravelmente em cenário mundial (SILVA, CASTELO, SANTOS, 2011). Contudo, o futebol não é apenas uma modalidade esportiva, nem tampouco mais um espetáculo esportivo, mas também uma manifestação da educação física e desportiva, um local para aplicar ciência (GARGANTA, 1997).

Neste contexto, a análise de jogo adquire uma etapa imprescindível e fundamental dentro do processo de preparação nos jogos coletivos (GARGANTA, 2001). Aprofundando o conteúdo, conforme Castelo (1996), da mesma forma que existe um modelo de jogo para as equipes, deve existir um modelo de observação, recolha e análise dos dados, de modo que existem diversos modelos de interpretação do jogo, da mesma forma que as diversas elaboração de jogo dos treinadores.

Sendo assim, é necessário que haja uma objetividade na informação que será coletada dentro da sistematização do processo de análise (GARGANTA, 1997). Além disso, tal objetividade corrobora com Dias (2009) quando diz que é de extrema importância e decisivo que o treinador possua informações precisas, de modo que a qualidade de atuação de seus jogadores e de sua equipe aumente.

Isto posto, Garganta (2001) colabora com a discussão mostrando que na literatura são encontrados diversas formas de estudar o jogo, sendo mais comum a análise com base na conduta dos jogadores e de suas equipes, como a observação do jogo (game observation), a análise notacional (notacional analysis) e a análise do jogo (match/game analysis).

Hugues (1996) declara que a observação e análise do jogo é dividida em três fases: i) a observação dos fatos; ii) a recolha dos dados; e iii) a interpretação dos dados. O processo de recolha, armazenamento e tratamento e análise dos dados registrados, a partir da observação do jogo, passou a assumir, com a sofisticação da competitividade no esporte, uma

responsabilidade cada vez maior e importante visando um desenvolvimento no rendimento dos jogadores e das equipes (GARGANTA, 2001).

E para conseguir fazer uma análise de jogo, é necessário utilizar de dois modelos já existentes, a análise quantitativa e a análise qualitativa. A análise quantitativa está relacionada com o “scout”, palavra de origem inglesa que está relacionada com a obtenção de informação do jogo através dos números. Já a análise qualitativa está preocupada em interpretar o jogo, e refletir sobre algumas ocorrências do mesmo. As informações que são coletadas somente de maneira quantitativas não representam fielmente o que foi o jogo. Uma análise exclusivamente quantitativa não representará o total de informação pertinente no jogo de futebol, uma vez que o jogo é dinâmico (GARGANTA, 2001). Nesse sentido, conforme Garganta (2001) sugere, a análise qualitativa deverá estar ajustada para os comportamentos enquanto a análise quantitativa sirva de suporte para a caracterização das ações, de forma a assinalar a efetividade destas no jogo. Dessa forma, os analistas devem presenciar o jogo em um estado físico e mental em harmonia, preservando-se da ligação emocional frente as ações do jogo (CORREIA; SILVA; SCAGLIA, 2021).

Tendo apresentado esta iniciação de discussão, a pesquisa surge com a finalidade de trazer para o debate as condutas dos analistas de jogo bem como o que é produzido cientificamente, logo, trazer uma conversa sobre o que é visto na prática do mercado e o que é argumentado na literatura.

Para entender, através de um olhar aprofundado e crítico, a importância da prática do analista de jogo, bem como os ambientes de atuação a em que este profissional está inserido, é necessário visitar dois grandes conceitos caros à compreensão dos processos pedagógicos: heteronomia e autonomia. Segundo Foucault (2014), existem estruturas de poder, cujo objetivo é assentar saberes submetidos a todos os outros indivíduos: nisso está configurada a heteronomia. É possível atrelar o conceito de heteronomia no âmbito esportivo na medida em que jogadores e jogadoras tendem apenas a obedecerem a ordens, deixando de lado a sua interpretação do jogo e capacidade em ser alguém norm(ativo) nele. Tornam-se o que Foucault (2014) chama de “corpos dóceis”, decorrentes dos modelos disciplinares que vêm sendo utilizados pelo campo pedagógico em sua perspectiva tradicional, como método de dominação Assim, as relações são estabelecidas pela imposição do poder, naturalmente, fortalecendo o controle e mantendo a condição de status quo (FOUCAULT, 2014).

Dadas as possibilidades elucidadas por Garganta (2001) quanto ao e à análise de jogo – prospecção de atletas, análise quali-quantitativas de adversários e análise quali-quantitativas da própria equipe – é primordial que este e esta profissional seja entendido, por si mesmo ou mesma, como produtor e produtora de saberes, que não carece ser regido ou regida por relações heterônomas e, sim, criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção (FREIRE, 2019; 2020; CORREIA; SILVA; SCAGLIA, 2021). Freire (2020), ao confrontar a heteronomia pedagógica, abre caminhos para que o processo formativo no esporte busque, também, a emancipação de jogadores e jogadoras, enquanto sujeitos protagonistas de suas trajetórias. Dessa forma, ao e à analista de jogo cabe não reduzi-los e reduzi-las à condição de objeto, pois quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender, evocando, assim, a curiosidade epistemológica (FREIRE, 2019; 2020). Isto posto, o objetivo do estudo buscou verificar se os e as analistas de jogo no contexto das categorias de base do futebol

## **2. MARCO TEÓRICO**

### **2.1 Jogo enquanto fenômeno sociológico**

O esporte é um dos fenômenos importantes do início do século XXI, que se desenvolveu em meio ao arcabouço de transformações que cercam as atividades humanas como o desenvolvimento científico, relações sociais, conhecimento, comunicação (GALATTI; REVEREDITO; SCAGLIA; PAES; SEOANE, 2014).

Sendo assim, nota-se um influxo no desenvolvimento do papel sociocultural, nas diversas regiões do mundo, traduzindo assim, sua importância na vida humana constituído a partir de um dos fenômenos sociais do século XX e XXI (REVEREDITO, SCAGLIA, 2009).

Dito isso, fica inviável dissociar o conceito de jogo e esporte uma vez o jogo se manifesta ativamente no esporte. A essência do jogo se caracteriza por seu perfil livre, delimitado, regulamentado, incerto, improdutivo e fictício (HUIZINGA, 1999; FREIRE, 2002). Nesse sentido, o jogo é caracterizado a partir de uma unidade complexa, envolvido pela organização sistêmica de suas estruturas em sua totalidade, fixadas no ambiente. (SCAGLIA, 2003). Esse perfil que irá garantir e arcar com o desejo do jogador de ao jogo se entregar (SCAGLIA et. al, 2011).

As características que mostra a estruturação da ação é o contexto, ou um ambiente, que irá determinar o que é ou não jogo (FREIRE, 2002; SCAGLIA, 2003). E partindo da

disposição de jogar que o ambiente de jogo também se torna um ambiente de trabalho, otimizando e transformando em ambiente de aprendizagem (SCAGLIA et al., 2013)

Uma vez que o jogador está em estado de jogo, ou seja, se entregou totalmente ao jogo, o mesmo irá reunir esforços, competências e habilidades, para jogar cada vez melhor incumbido de uma seriedade, caso isso não ocorra deixa de ser jogo (SCAGLIA et al., 2013).

O estado de jogo por sua vez, é a condição de concentração em que o jogador se encontra ao estar envolto junto ao jogo. É o estado de jogo que irá garantir a entrega do jogador ao jogo, destacando a seriedade do jogo, garantindo que o mesmo sempre irá dar o máximo de suas condições para a execução do jogo (SCAGLIA et al., 2013)

Nesse sentido, o próprio jogo oferece condições para a ação, ou seja, na união entre o desejo de jogar com a característica abstrata, o jogo se baseia na ação que se realiza, ou seja, na intenção (SCAGLIA et al., 2013). Sendo assim, a lógica do jogo está na realização da ação com o êxito, limitado por seu caráter de atividade e na satisfação do jogador.

É no desejo de jogar que o ambiente de jogo se torna um ambiente de trabalho, e assim se potencializa a um ambiente de aprendizagem (SCAGLIA et al., 2013). Nesse sentido, podemos dizer que fugindo dos conceitos tradicionais de ensino, é o desejo de jogar atrelado ao entregar-se que irá servir de “baldrame”/alicerce para um ambiente de aprendizagem.

Sendo assim, o jogo enquanto uma manifestação dos esportes coletivos, num viés complexo, carregado de intencionalidade, o desejo e o o êxito da meta confirma o ambiente de aprendizagem que é gerado por um conjunto de variáveis (SCAGLIA et al., 2013).

Nessa perspectiva, não significa que é apenas o jogo pelo jogo, mas sim com a intencionalidade do treinador para com a sessão de treino, bem como o planejamento, objetivos e conteúdos que se utilizam da natureza do jogo (SCAGLIA et al., 2013). Vale ressaltar que o objetivo é garantir um ambiente de aprendizagem em que os objetivos da sessão de treino sejam alcançados tendo em vista a mobilização das competências e habilidades dos atletas.

Complementando, o jogo é capaz de oferecer estrutura para a ação (SCAGLIA, 2009). Na união do impulso lúdico, ou seja, no desejo de entregar-se ao jogo, bem como a matriz abstrata do jogo, na ação do realizar, partindo da intenção (SCAGLIA et al., 2013).

O sentido do jogo se manifesta na realização do que é feito (êxito), limitado por sua característica como atividade e no que satisfaz o jogador. Deste modo, a manifestação do jogo

esportivo coletivo se torna uma unidade complexa, baseada na sua relação de destacar o ato de jogar. Tal ato carrega a intencionalidade por trás do desejo e entrega, com objetivo de esclarecer a lógica do jogo, cerceada do ambiente de jogo, gerando o estado de jogo (SCAGLIA et al., 2013).

Isto posto, para esta evoluir a discussão, é necessário entender como a análise de desempenho se desenvolveu ao longo do tempo. Para posteriormente anexar o jogo enquanto fenômeno, bem como o analista de jogo com sua prática, diretamente alicerçados pelo prisma da autonomia e heteronomia.

## **2.2 História da Análise de Desempenho**

O primeiro aparecimento de um sistema de análise de jogo esportivo, com as características da existência da bola, terreno delimitado, alvos de ataque e defesa, companheiros e adversários junto de regras (GARGANTA, 1997), é endereçado ao basquetebol nos Estados Unidos em 1931 (GARGANTA, 2001).

Algum tempo depois, aproximadamente duas décadas, foi publicado o primeiro material científico que reuniu o futebol e a análise de jogo, na Inglaterra, firmando novas perspectivas para o desenvolvimento de novos materiais com a mesma temática nos anos seguintes (GARGANTA, 2001).

Sendo assim, o processo de recolha, armazenamento e tratamento e análise dos dados registrados a partir da observação do jogo, assume-se uma responsabilidade cada vez maior e importante visando um desenvolvimento no rendimento dos jogadores e das equipes (GARGANTA, 2001). Nesse contexto, o processo de observação e análise do jogo tem visto uma considerável evolução em níveis dos sistemas adotados, ao qual vem sido executado em etapas (GARGANTA, 2001).

No início de todo o processo, as observações eram feitas em tempo real, ou seja, ao vivo, era assistemático e subjetivo (GARGANTA, 2001). Nesse contexto, o registro dos comportamentos dos atletas e das equipes eram feitos através do “papel e lápis”, com o recurso manual (GARGANTA, 2001).

Com a evolução temporal, a partir da necessidade de agrupar os dados iniciais, e também com a profissionalização das práticas de alto rendimento, e a possibilidade de aplicação da informática aos meios de produção de informação, conduziu a substituição do processo manual para o processo computadorizado (GARGANTA, 2001), o que sem dúvidas, facilitou em termos de velocidade a recolha de informação e também o acesso das mesmas.

A partir disso, segundo Garganta (2001) é possível elencar uma cronologia histórica ao desenvolvimento da área: Sistema de notação manual a partir da utilização de papel e lápis; a combinação da notação manual com o relato oral; utilização do computador posteriormente a observação, para registro, armazenamento e tratamento dos dados; utilização do computador para registro e armazenamento dos dados em tempo real a observação; a introdução do reconhecimento de voz ao meio computadorizado; os sistemas de softwares para recortes de ações com câmeras filmadoras; e também aparelhos com o sistema de *touchpad*.

Atualmente, é utilizado cada vez mais a busca e análises em banco de dados para estudo de modelo de jogo. No entanto, fica a ressalva quanto a compreensão e métodos estatísticos que são utilizados referentes a sua aplicabilidade em virtude da imprevisibilidade do jogo e dos comportamentos dos atletas (HUGHES, 1996).

Pontuando o assunto, gera-se uma discussão na perspectiva metodológica quanto ao modelo algorítmico em detrimento dos métodos heurísticos. Sendo assim, nos jogos desportivos coletivos, é visto na ótica da utilização exaustiva da natureza numérica das variadas situações que ocorrem no jogo (GARGANTA, 2001). Sendo assim, os métodos heurísticos uma vez que não preconiza a mesma exaustividade, parece ser mais apropriada ao caráter não totalmente imprevisível do jogo (GARGANTA; GRÉHAIGNE, 1999) uma vez que a partir dos estudos do jogo, é possível diminuir a mesma imprevisibilidade.

Sendo assim, fica a análise a respeito da combinação de tais metodologias uma vez que as duas são importantes na codificação e interpretação das ações executadas pelos jogadores e suas equipes (GARGANTA, 2001). A problematização aparece no momento em que é necessário dosar a complementaridade e compatibilização.

Nesse sentido, os procedimentos algorítmicos por se concentrar na identificação de estados padronizados, é importante para selecionar o ordenamento dos das ações, desde que não diminua o sistema observacional (GARAGANTA, 2001). Complementando, os procedimentos eurísticos se concentra, através dos atributos do pensamento criador e da descoberta, na seleção descritiva das ações do jogo e da sua constante reformulação.

Por fim, fica evidente a real necessidade dos sistemas ter abertura o suficiente que permitam um trânsito entre as informações sem que tenha uma preconização de tais meios, mas juntos conseguir reunir os dados necessários transformados em informação, posteriormente em conhecimento, e assim, o momento do conhecimento aplicado.

### **2.3 Panorama geral e contextual do analista de desempenho: quem é e o que faz?**

Neste tópico será abordado uma perspectiva das funções do analista de jogo com base na literatura, ou seja, partindo de discussões de grandes autores que fizeram suas contribuições para o desenvolvimento da área em questão, bem como no cenário brasileiro, servindo como inspiração profissionais atuantes no ano de 2020 através da literatura.

Primeiramente, é válido ressaltar as possibilidades que esta área abrange. Sendo assim, as demandas profissionais são regida por três vertentes: prospecção de atletas, análise quali-quantitativas de adversários e análise quali-quantitativas da própria equipe (CORREIA; SILVA; SCAGLIA, 2021).

A prospecção de atletas é trabalhada sobre a perspectiva de monitoramento e contratação de atletas, de modo longitudinal. Já as análises quali-quantitativas trabalham sobre a ótica de informações referentes a treinos e jogos a partir da mensuração e descrição do desempenho esportivo, tanto da própria equipe quanto do adversário, modo individual e coletivo.

Sendo assim, cabe ao analista ser um intermediário ativo entre as informações coletadas e a transferência para o treinador, uma vez que a partir dessa coleta e gestão das informações o treinador tome as decisões efetivas. E para isso, diversos processos são realizados pelos analistas de desempenho muito antes do jogo, desde o alinhamento das ideias entre o analista e as crenças e concepções do treinador e sua comissão técnica referente à elaboração do modelo de jogo (PEREIRA, 2006).

Dito isso, podemos conceituar as áreas da análise de desempenho, ou seja, análise de mercado, análise da própria equipe e análise da equipe adversária. A análise de mercado volta seus esforços na observação das ações individuais e coletivas dos atletas que possuem uma identificação próxima a filosofia do clube, e também o modelo de jogo apresentado pelo treinador, desde que se enquadre nas condições financeiras do clube para compor o elenco.

Já a análise da própria equipe se esforça em recolher as informações e na construção do conhecimento acerca do desempenho individual e coletivo referente a própria equipe a partir dos jogos oficiais e dos treinamentos.

A análise da equipe adversária separa os destaques dentro dos conceitos técnico-táticos da equipe adversária nas diferentes fases e momentos do jogo de futebol. Assim sendo, segundo Correia; Silva; Scaglia (2021) é possível identificar uma significação pedagógica a respeito da prática do analista de desempenho no futebol, uma vez que o profissional extrapola a absorção e gestão de dados a partir do match analysis, ou seja, informações que

são utilizadas para elaboração das sessões de treinos, e estimular os saberes exigidos pelas especificidades da modalidade.

Desse modo, o analista de desempenho alicerçado a um método, processos de coleta, filtro e organização dos dados, para que adiante, faça utilização a partir do princípio da Didática, conhecida como teoria geral do ensino e prática social, transformando em conhecimento a partir de um significado com o auxílio da dialética, para o treinador ou para os atletas (FRANCO, 2008; LIBÂNEO, 2013).

Nesse sentido, a qualidade das análises de jogo está relacionada com a competência das tarefas, desenvolvidas durante o trabalho, complementada pela conformidade na coleta e interpretação dos dados, na percepção das dimensões acerca do futebol, e domínio de softwares (CORREIA; SILVA; SCAGLIA, 2021). Para isso, é necessário que se trabalhe na perspectiva do *match analysis* e da observação do jogo.

Bacconi; Marella (1995) afirmam que a observação do jogo abrange a seleção e o armazenamento dos dados de uma partida em tempo real, e também consideram a seleção de dados em tempo assíncrono, complementando e evitando alguns erros durante o processo de observação venham a ser cometido, poderão ser reparados no momento de análise.

A observação está relacionada com o significado que atribuímos ao observarmos algo, nessa lógica, a observação deve seguir um direcionamento para eleger as informações que realmente são decisivas. Em vista disso, conforme Anguera (1998) a observação sujeita-se a três fatores: i) percepção; ii) interpretação; iii) conhecimento prévio.

A percepção tem como base a escolha dos dados de maneira inicial; a interpretação tem como premissa ao significado que foi atribuído na seleção dos dados, de forma contextualizada e o conhecimento prévio tem como função servir como referência para que a interpretação seja facilitada (ANGUERA, 1998).

Dessa forma, Hughes (1996) declara que a observação e a análise do jogo são divididas em três fases: i) a observação dos fatos; ii) a recolho dos dados; iii) a interpretação dos dados. Dessa maneira, os treinadores buscam essas informações sobre o desempenho individual ou coletivo da sua equipe, jogadores e dos adversários de acordo com marcadores que vão desde a simplicidade do papel e lápis até mesmo a tecnologia de vídeo-computorização mais refinada.

Conforme essa complexidade, a análise de desempenho é um caminho de extrema importância e essencial para a preparação dos jogos coletivos. Por isso, a importância de uma análise qualitativa está na sua relação de compreender a realidade, de forma que os dados obtenham sentido, ou seja, significado e valor (CAMPANICO, 1998).

Sendo assim, o objetivo das informações posterior ao processo de observação e recolha dos dados, como também a análise deste material, é possível de ser usado como ferramenta junto a elaboração e realização das sessões de treino, bem como na efetivação do microciclo semanal (DUARTE, 2017).

Nesse contexto, faz sentido que essas informações sejam utilizadas para a construção de um treino eficaz, de forma que amplie o desempenho dos atletas seja nos treinos ou na competição. Não só isso, mas também a análise sobre o adversário, conforme Vázquez (2012) sugere a respeito da consciência do treinador sobre seu adversário, acerca da identificação dos padrões, pontos fracos e pontos fortes, faz com que a probabilidade de serem pegos de surpresa sejam pequenas, pois prepararam o microciclo semanal, de acordo, e também, com as informações do adversário.

Por fim, o analista de desempenho tem sua contribuição enquanto membro da comissão técnica junto de outros profissionais que auxiliam o treinador, não se manifestando apenas em oportunidades pontuais, mas sim aos processos que levam a construção do modelo de jogo, em competições e treinamentos a partir da produção de conhecimento em um ambiente de aprendizagem.

### **2.3 O Analista e a Vigilância**

Este tópico terá caráter introdutório para compreender mais sobre o controle e a vigilância. Nesse sentido, irei abordar através da obra *Vigiar e Punir* de Michel Foucault como que essa vigia exacerbada influencia diretamente no controle do ser humano, fazendo analogias ao futebol, tema deste trabalho.

Foucault (2014) vai nos dizer que nossa vida está cercada de formas de controles comportamentais. Estamos cercados sobre normas de condutas guiadas a partir do princípio normativo, que muitas vezes nos faz reproduzir tais comportamentos sem a discussão interna sobre eles. Estamos presos a uma cultura de vigilância que não nos dá alternativa a não ser cumprir as redes de normas.

O Estado Moderno criou formas normativas de vida das pessoas fazendo com que as pessoas fossem guiadas por tais normas partindo do princípio da disciplinariedade (FOUCAULT, 2014). Logo, podemos através do exercício de analogias identificar o mesmo princípio no campo da análise de desempenho se tratando de uma perspectiva que não reflete o jogo que é jogado, apenas busca selecionar os motivos pelos quais o time perdeu ou ganhou, sem necessariamente entender esses eventos como um fenômeno do jogo. Isso pode decorrer a partir da relação de poder que irá produzir a disciplinarização dos atletas que irá criando um grupo de

atletas padronizados, que reproduzem o comportamento que é esperado e dito pelos agentes poderosos. Sendo assim, a análise de desempenho controladora chancela tipos de condutas (normas) que são esperadas em determinado jogo e que seguem um padrão (não tem uma alternativa a não ser reproduzi-las).

Isto posto, Foucault (2014) aprofunda a discussão nos trazendo a visão de que o sistema de vigilância irá trazer consigo dois tipos de poderes: disciplinar e biopolítico. O poder disciplinar, é compreendido como disciplinar que regulará a vida dos indivíduos, monitoramento de comportamentos, condutas, faz com que as ações sejam condicionadas. A idéia é que o poder disciplinar padroniza as ações, cria-se sujeitos com comportamentos iguais. Já o poder biopolítico irá atuar na população, aquele que puni quem está fora da norma. Este poder irá punir e/ou excluir o indivíduo que está fora da conduta de normas que regem as instituições, ou neste caso, o modelo de jogo do treinador. Dessa forma, essa instituição, através da conduta normativa, irá criar relações poder, microrrelações de poder.

Além disso, outro tipo de controle e de vigilância que Foucault irá contribuir é sobre uma forma mais aveludada. Logo, estamos falando sobre a domesticação dos comportamentos, que está relacionado sobre a conduta hierárquica sobre os indivíduos (FOUCAULT, 2014). Fazendo uma analogia muito simples de entender seria a seguinte situação, o indivíduo que sai para se divertir em uma festa, mas fica controlando as suas ações com medo de que essas informações chegue aos seus pais.

Assim sendo, são criados os micropoderes, ou seja, diversas formas de controlar e vigiar os indivíduos, desenvolvendo também as microrrelações de poder. Em contrapartida Freire (2020) A medida que o conhecimento se desenvolve diminui-se o risco de dominação, pelo desenvolvimento de conhecimento da distribuição de poder nas microrrelações. O conhecimento é a forma de superar as relações de poder, a partir do entendimento que a alternância de poderes irá proporcionar ambientes de aprendizagem, desenvolvendo a autonomia como centro de desenvolvimento.

### **3. RESUMO DAS ATIVIDADES**

#### **3.1 Revisão Bibliográfica**

A revisão bibliográfica foi realizada para se ter uma visão quantitativa (mesmo que parcial) do estado da arte das pesquisas sobre o tema. Além disso, ela tem a finalidade de encontrar evidências nos artigos publicados que possam ajudar na discussão dos resultados, junto com o marco teórico.

A revisão bibliográfica foi realizada em quatro (4) bases de dados: Scielo, PubMed, Lilacs e Science Direct. Utilizando os seguintes descritores: Futebol, Análise de Desempenho Esportiva, Análise de Jogo Esportiva foram encontradas uma quantidade relevante de artigos relacionados aos temas do projeto, ainda que a maior parte deles evocam temas como a análise de jogo nos jogos desportivos coletivos e individuais, aspectos táticos a respeito dos jogos desportivos, e situações isoladas e contextualizadas no jogo de futebol, sustentação teórica sobre análise de jogo e por fim os aspectos físicos já descartados por não relacionar com o presente trabalho.

A seguir são apresentadas as Tabelas 1 e 2 que detalha como foi feita a busca pelos artigos nas bases de dados citados acima. Tabela 1: indica a quantidade total de artigos encontrados usando os descritores isolados. Tabela 2: indica a quantidade total de artigos relevantes para a pesquisa, utilizando dois (2) descritores. Os trabalhos foram selecionados a partir da leitura do título e descartando-os a medida que não se aproximavam do objetivo da pesquisa. Nesse sentido, os trabalhos que se aproximaram foram lidos os resumos para verificar se havia proximidade com relação ao conteúdo apresentado, e novamente, escolhidos por aproximação dos objetivos do presente estudo, chegando ao final, com os trabalhos utilizados nesta pesquisa.

<b>Revisão bibliográfica</b>
<b>Base de dados: Scielo, Pubmed, Lilacs e Science Direct</b>

<b>BASE DE DADOS</b>	<b>Título, resumo e palavras-chave</b>		
	<b>Futebol/Soccer</b>	<b>Análise de Desempenho Esportiva /Sports Performance Analysis</b>	<b>Análise de Jogo esportiva /Sports Match Analysis</b>
<b>Scielo</b>	1328	185	139
<b>Pubmed</b>	13.706	34.355	242.476
<b>Lilacs</b>	2954	787	290

<b>Science Direct</b>	26.962	112.405	57.260
-----------------------	--------	---------	--------

**Tabela 1 – Revisão Bibliográfica**

	<b>Título, resumo e palavras-chave</b>		
	<b>Futebol x Análise de Desempenho Esportiva / Soccer x Sports Performance Analysis</b>	<b>Futebol x Análise de Jogo esportiva / Soccer x Sports Match Analysis</b>	<b>Análise de Desempenho Esportiva x Análise de Jogo esportiva / Sports Performance Analysis x Sports Match Analysis</b>
<b>BASE DE DADOS</b>			
<b>Scielo</b>	26	11	15
<b>Pubmed</b>	2.102	1.183	2911
<b>Lilacs</b>	152	41	32
<b>Science Direct</b>	8.560	2.206	15.730

## **4. METODOLOGIA**

### **4.1 Procedimentos Éticos**

Todos os entrevistados e entrevistadas que serão submetidos a este estudo assinarão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, registrado no Conselho Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, número 130008 (Brasil) e aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Para o início das atividades do primeiro semestre, foi elaborado e enviado o projeto para apreciação no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com seres humanos da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O qual foi aprovado em 14 de outubro de 2021, pelo parecer nº 5.036.493, e CAAE: 48730421.0.0000.5404

Também foram estruturadas as perguntas que comporão a entrevista semiestruturada com analistas de desempenho profissionais de futebol. Com as entrevistas, que estão sendo realizadas, analisamos as percepções dos participantes da pesquisa a respeito das competências às quais um analista de desempenho deve debruçar para obter sucesso profissional, levando em conta o contexto do alto-rendimento esportivo

## **4.2 Caracterização do Estudo**

O projeto se fundamentou em uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, uma vez que buscou respostas preliminares sobre o tema estudado (FONTANA, 2018). Ela foi constituída por uma entrevista semiestruturada, composta por um roteiro, mas suscetível a alterações no que tange a ordem das perguntas (BARTHOLOMEW, HENDERSON, MÁRCIA; 2000).

O trabalho teve como base a entrevista de quatro (4) analistas de desempenho, sendo três (2) trabalhando com exclusividade no futebol de base, um (1) com passagem nas categorias de base no futebol profissional e um (1) com atividade exclusiva no futebol profissional. Assim sendo, foi possível analisar, nos contextos em que o futebol está inserido as diversas aplicação e objetividade da análise de desempenho. Sendo assim, em congruência com ao marco teórico estabelecido, busca-se estudar como os protocolos de análise de jogo são construídos e a participação do treinador e analista de desempenho ao longo de todo o processo, organizacional, gerencial e recolha dos dados para a produção de informação na modalidade.

## **4.3 Amostra**

### **4.3.1 Sujeitos**

Todos os participantes foram contatados previamente via redes sociais para esclarecer possíveis dúvidas sobre objetivos da pesquisa e formalizar o convite de participação à pesquisa.

Após os analistas aceitarem a participar e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, devidamente aprovado pelo Comitê de Ética, deu-se início ao processo de agendamento das entrevistas virtuais, realizadas no horário de preferência dos sujeitos, sendo as entrevistas gravadas para que, posteriormente, houvesse a transcrição de cada uma delas e posterior análise de dados.

Quatro (4) analistas de desempenho, todos nacionais, que trabalham com o alto rendimento em clubes filiados a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Os sujeitos selecionados, de maneira intencional, deveriam ter o cargo de analista de desempenho uma vez que a pesquisa volta os seus esforços em aprofundar a discussão sobre a produção de informação no futebol.

IDENTIFICAÇÃO	FORMAÇÃO	ATUAÇÃO PROFISSIONAL
P1	SUPERIOR COMPLETO	FUTEBOL DE BASE (SUB15, SUB17 E SUB20) MASCULINO
P2	CURSOS E SUPERIOR COMPLETO	FUTEBOL DE BASE (SUB17) FEMININO
P3	SUPERIOR COMPLETO	FUTEBOL DE BASE (SUB20) E PROFISSIONAL MASCULINO
P4	SUPERIOR COMPLETO	FUTEBOL PROFISSIONAL MASCULINO

Tabela 2: Identificação dos Participantes

#### **4.4 Coleta de Dados**

##### **4.4.1 Entrevista semi-estruturada**

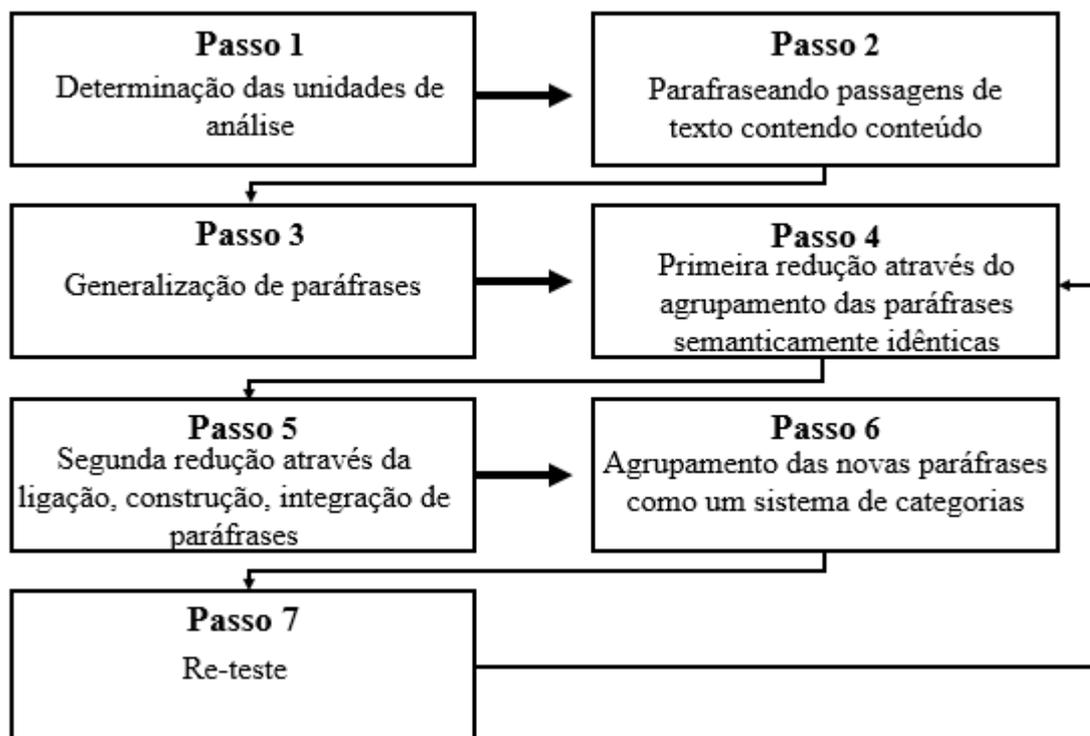
Para os propósitos da pesquisa, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada, sendo o roteiro elaborado sem a intenção de colocar um padrão predeterminado para que permitisse aos entrevistados flexibilidade o bastante para comunicar opiniões, ideias, sentimentos e atitudes a respeito do tema abordado pela pesquisa (SPARKES; SMITH, 2014)

A entrevista semiestruturada “tem como característica um roteiro com perguntas abertas e é indicada para estudar um fenômeno com uma população específica (...). Deve existir flexibilidade na sequência da apresentação das perguntas ao entrevistado” (MANZINI, 2012, p.156), sendo assim, é definido com antecedência, as perguntas a serem feitas e, dessa forma, é estabelecido, claramente, os objetivos que se tem com essas questões.

#### **4.4.2 Análise de Dados**

A técnica de análise dos dados coletados pautou-se em uma metodologia denominada análise de conteúdo (BARDIN, 2011), método investigativo que abre margem para que a pesquisa, além de priorizar o caráter qualitativo, absorva as informações apuradas pelos relatos dos entrevistados de maneira a possibilitar a fomentação de inferências, tendo a revisão bibliográfica como alicerce, a discussão de conteúdos latentes e a constatação de sentenças-chaves em comum.

A análise teve como premissa a análise categorial, sendo feita por desmembramento do texto composto pelas respostas dos entrevistados em categorias que seguiram reorganizações que permitiram a identificação de indicadores que possibilitaram a inferência de conhecimentos relacionados às condições de produção e recepção das mensagens (BARDIN, 2011). Neste sentido, se fez necessário resumir as falas do entrevistados de modo a manter a ideia central da fala. Nesse sentido, o objetivo foi reunir de forma sucinta os dados coletados. Por fim, foi seguido o método seguiu três etapas básicas, distintas e complementares: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial (MAYRING, 2014).



**Figura 1** – Processo de sumarização. Adaptado em Mayring (2014, p.66).

Após este passo, houve o processo de categorização das unidades obtidas. A pesquisa adotou uma abordagem indutiva. Como comentado anteriormente, as categorias foram definidas alicerçadas pelos referenciais teóricos.

É importante destacar, também, que a pesquisa é descritiva-exploratória que, de acordo com Gil (2002), não se preocupa apenas com a atuação prática dos sujeitos investigados, mas evidencia também suas opiniões, atitudes e crenças, além de descrever características, especificidades para classificá-las e interpretá-las, de modo a compreender as causas de um fenômeno (RUDIO, 2010). Logo, o objetivo é também explorar e abastecer de informações a respeito do tema para que a investigação seja fundamentada (GIL, 2002)

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para iniciar o processo de discussão e apresentação dos resultados é importante fazer uma introdução referente aos tópicos e abordagens que sustentarão como base. Isto posto, Freire (2020) tem nos mostrado que um ambiente para a construção do aprendizado é determinante para o desenvolvimento do conhecimento. Sendo assim, o analista de jogo sendo um ser ativo enquanto co-produtor de aprendizagem deve tornar suas condutas

emancipatórias, complexas, cheia de autonomia e não aprisionadoras a partir da não redução de seus atletas enquanto sujeitos (FREIRE, 2020).

Ao passo que Foucault (2014) nos mostra o impacto de um ambiente controlador, que não estimula o pensar e sim no executar contribuindo para o que ele define como produção de corpos dóceis. Dito isso, esse tipo de produção de conhecimento contribui para seres não críticos, condicionados a regras e comportamentos.

Desta forma, para compreender melhor a cerca de como esses ambientes são criados na forma prática, foi-se elaborado a tabela abaixo com tipos de condutas que cercam esses dois conceitos. Dessa forma, condutas que visam a emancipação do atleta enquanto sujeito, seres autônomos e construtor de seu conhecimento foi designado como ambiente ou condutas humanizantes. Já o contrário, ou seja, ambientes que fomentam o controle, o desenvolvimento de seres acrícos, normoativos e heterônomos foi designado como ambiente ou condutas coisificante.

**TABELA 3:** Condutas e ambientes Coisificantes e Humanizantes.

<b>Coisificante</b>	<b>Humanizante</b>
Disciplinarização dos Corpos	Devolve o jogo ao Jogador/ Liberdade de expressão/
Vigia e Puni	Autonomia
Produção de Corpos Dóceis	Produção de Corpos Ativos (jogadores pensantes que entendem o jogo)
Normalização dos acontecimentos	Problematização dos acontecimentos
Ensino-Aprendizagem (sujeitos do ensinar e sujeitos do aprender)	Aprendizagem-Aprendizagem
Treino é Treino, Jogo é Jogo	Treino é Jogo, Jogo é Treino
Faz parte de um resultado	Faz parte de um processo
Condicionalismo tático	Responsáveis pelo Jogo em que Joga
Jogo cantado/ditado	Jogo pensado
Vale nota/desempenho	Vale o processo de aprendizagem
Controle	Co-participação
Gera Passividade	Gera Transgressão (quebra de regras)
Previsível	Imprevisível (de estudo e compreensão)
Restrito	Intercambio Cultural (multidisciplinar)

Perspectiva linear/objetividade (variabilidade limitada)	Perspectiva não linear/subjetividade (variabilidade infinita)
Dados não contextualizados	Informação/conhecimento
Acrítico	Crítico
Neutralização e isolamento do sujeito	Corpo complexo de área
Teoricismo com argumento de autoridade	Teoricismo baseado no interacionismo ecológico
Redução do jogo enquanto complexidade/fenômeno jogo	Garante o jogo com base na ordem e desordem e nas convergências das polaridades /estabilidade e instabilidade

A partir das análises das entrevistas semiestruturadas realizadas com os analistas de jogo, se criou uma tabela única com quatro (4) colunas: Participantes, Unidade de contexto 1, Subcategorial e Categorias. A coluna referente a participantes está relacionada com a identificação dos participantes de modo anônimo. Já a Unidade de contexto 1 se faz presente a partir da primeira análise de conteúdo feita. A Unidade de contexto 2 sintetiza de forma objetiva a ideia e pensamentos ditos pelos participantes. Por fim, a coluna Categorias se fundamenta na categorização das respostas dos indivíduos de acordo com o conteúdo da mensagem a ser passada, facilitando assim, o agrupamento por conteúdos abordados com o mesmo tema e para a complementação na discussão.

Os tópicos tiveram um caráter de agrupamento das respostas com base na análise de conteúdo, ao qual foi possível ordenar em categorias. A primeira categoria Necessidades do Treinador está relacionada com as demandas do treinador com base no modelo de jogo e produção de informação de adversários. Já a categoria Fases e Momentos do jogo está relacionada com a divisão do jogo em partes para facilitar o estudo do mesmo. A terceira categoria Processos Metodológicos está relacionado com o tipo de metodologia desenvolvida. A categoria de número quatro está relacionada com o Banco de Dados, local digital para armazenamento dos dados. A quinta categoria denominada Treinos desenvolveu-se a partir da relação das informações produzidas com as sessões de treinos. A sexta categoria chamada Participação do Treinador está relacionada com a forma em que o treinador participa de todo o processo. A categoria de número 7 nos conta sobre algumas informações que são produzidas cujo objetivo é trabalhar fora do contexto de jogo. A oitava categoria está relacionada com a reflexão individual da prática do analista de jogo. A nona categoria Ambiente de aprendizagem está relacionada com o processo de construção e desenvolvimento do

aprendizado dos atletas. A décima categoria Monitoramento dos Dados foi relatada sobre o acompanhamento dos dados. A categoria de número onze, Objetivo de Análise foi desenvolvida para entendermos qual o propósito de fazer uma análise de jogo. A décima segunda categoria Apresentação nos conta sobre como o processo de apresentação dos dados acontecem. Por fim, a última categoria Definição dos Critérios foi desenvolvida no viés sobre quais e como os critérios de análise seriam feitos.

**Tabela 4** – Unidades de contexto e categorias

<b>PARCIPANTES</b>	<b>UNIDADE DE CONTEXTO 1</b>	<b>UNIDADE DE CONTEXTO 2</b>	<b>CATEGORIAS</b>
P1	Entender a proposta e filosofia do treinador para planejar e entregar as informações que o treinador necessita.	Filosofia de jogo do treinador.	NECESSIDADES DO TREINADOR
P1	O analista cada vez mais se aproxima da função de auxiliar técnico na condição da especificidade da análise de desempenho. Desde ao processo de levar informações importantes até o processo de auxiliar nos treinamentos.	Auxiliar técnico.	NECESSIDADES DO TREINADOR
P1	Aos agentes do jogo, desde comissão técnica aos atletas, respeitando a hierarquia e ao objetivo da informação.	Análise com base no direcionamento da comissão técnica.	NECESSIDADES DO TREINADOR
P1	Após o planejamento entra o processo pratico observacional de aspectos gerais e específicos do jogo, bem como do treinador também, de modo objetivo.	Após o planejamento entra o processo pratico observacional de aspectos gerais e específicos do jogo, bem como do treinador também, de modo objetivo.	NECESSIDADES DO TREINADOR
P1	A participação do treinador se restringe ao processo organizacional, delegacional e também na avaliação do material construído. Treinador não participa do processo manual.	Modelo de jogo da própria equipe para base de análise de jogo.	NECESSIDADES DO TREINADOR
	Auxiliar a comissão técnica com informações das adversárias, desde os pontos fortes até os pontos	Filosofia de jogo do treinador.	NECESSIDADES DO TREINADOR

P2	fracos. Acompanhamento da evolução ou regressão da equipe em treinos e jogos		
P2	Os dados são encaminhados para a comissão técnica e através de discussões são selecionados o que será apresentado para as atletas.	Análise com base no direcionamento da comissão técnica.	NECESSIDADES DO TREINADOR
P3	Os critérios são determinados pelo analista, clube e pelo treinador.	Análise com base no direcionamento da comissão técnica.	NECESSIDADES DO TREINADOR
P3	Dados coletados para clube e treinadores. Cada parte tem dados específicos.	Coleta de dados para o clube e para os treinadores.	NECESSIDADES DO TREINADOR
P4	Análise durante o jogo é para CT tomar as decisões. Pós jogo é para feedbacks coletivos e individuais.	Análise com base no direcionamento da comissão técnica.	NECESSIDADES DO TREINADOR
P4	Auxiliar delegava as demandas, os analistas faziam o processo operacional.	Análise com base no direcionamento da comissão técnica.	NECESSIDADES DO TREINADOR
P4	Análise em treinos não era muito utilizado. Utilizado mais em jogo, pré, durante e pós. Desenvolvimento pessoal na coleta de dados em tempo real.	Análise com base no direcionamento da comissão técnica.	NECESSIDADES DO TREINADOR
P1	A divisão é feita a partir de fases e momentos do jogo, como organização ofensiva e defensiva, as transições ofensivas e defensivas e as bolas paradas. Cada critério possui seu aprofundamento e especificidade de cada jogo.	A divisão é feita a partir de fases e momentos do jogo, como organização ofensiva e defensiva, as transições ofensivas e defensivas e as bolas paradas.	FASES E MOMENTOS DO JOGO

		Cada critério possui seu aprofundamento e especificidade de cada jogo.	
P1	Divisão entre as fases e momentos do jogo, utilizando a especificidade da informação como determinante para construção do material. Facilidade e praticidade no processo de acessibilidade da informação.	Divisão entre as fases e momentos do jogo, utilizando a especificidade da informação como determinante para construção do material. Facilidade e praticidade no processo de acessibilidade da informação.	FASES E MOMENTOS DO JOGO
P2	Existe uma variação da demanda, se tratando da análise da própria equipe é montado um protocolo com base no modelo de jogo da treinadora. Quando o objetivo é estudar as adversárias é feito a divisão das fases e momentos do jogo, bolas paradas e seus subprincípios.	Análise da equipe e do adversário.	FASES E MOMENTOS DO JOGO
P1	O processo de metodologia foi sendo criado ao longo do desenvolvimento da área. Metodologia foi construída com membros da comissão técnica.	Criação da metodologia.	PROCESSOS METODOLÓGICOS
P2	Não existe uma estrutura metodológica explícita. Foi criado processos com base na filosofia da treinadora.	Criação da metodologia.	PROCESSOS METODOLÓGICOS
P3	Não tem uma metodologia específica, mas segue o padrão de coleta. Definição do objetivo, como	Criação da metodologia.	PROCESSOS METODOLÓGICOS

	executar, como armazenar e como analisar.		
P3	Teste de hipótese para determinação da variação de 10%	Base estatística.	PROCESSOS METODOLÓGICOS
P4	Visualização como último passo após ser transformado em informação.	Visualização da informação.	PROCESSOS METODOLÓGICOS
P4	Metodologia estruturada ao longo do trabalho. Padronização e definição dos critérios.	Criação da metodologia.	PROCESSOS METODOLÓGICOS
P1	Não existir uma estruturação didática propriamente dita. Eram as trocar de informações coletadas.	Criação da metodologia.	PROCESSOS METODOLÓGICOS
P3	Os dados são armazenados em uma plataforma online de nuvem, e os dados cujos possuem uma maior importância são armazenados também através de computadores para backup. Tabelamento de ações individuais.	Armazenamento dos dados	BANCO DE DADOS
P3	Eu criei um banco de dados. Daí, daí varia da forma que que o dado é, se é vídeo se é... é... dado quantitativo entendeu?	Armazenamento dos dados	BANCO DE DADOS
P4	Banco de dados que gerava um relatório em PDF.	Produção do relatório de jogo.	BANCO DE DADOS
P1	Através de discussões e palestra, o treinador utiliza das informações para montagem dos treinos.	Conversas e discussões.	TREINOS
P1	Dentro dos vídeos que eu passo para ele a gente chega num consenso final, ele já molda algumas situações nos treinos para as situações que a gente	Situação da análise do jogo é reproduzida nos treinos.	TREINOS

	encontrava no vídeo.		
P2	Resultados que apareceram em situações dentro do jogo a partir do estudo dos pontos fracos da equipe adversária.	Exploração das vulnerabilidades das adversárias no treino.	TREINOS
P2	Existe uma conversa sobre como a adversária se comporta no jogo, no entanto não há simulação do adversário nos treinos.	Potencializar as ações nos pontos fracos das adversárias.	TREINOS
P3	Aparentemente as intervenções do relatório de adversário era nos treinos. Durante o jogo não tem como saber.	Aparentemente as situações da análise de jogo eram reproduzidas no treino.	TREINOS
P2	É aberto, a gente gostaria que tivesse nas análises, nas coletas mas ela não participa diretamente.		PARTICIPAÇÃO DO TREINADOR
P3	Treinador não participa do processo.	Sem participação do treinador.	PARTICIPAÇÃO DO TREINADOR
P1	Situações específicas referente ao jogo, mais relacionado às discussões burocráticas em relação a federação. Material de análise de mercado. Parece ser em ocasiões de solicitações ao invés de trabalho contínuo.	Materiais para fins burocráticos.	MATERIAL EXTRA CAMPO
P1	O analista cada vez mais se aproxima da função de auxiliar técnico na condição da especificidade da análise de desempenho. Desde ao processo de levar informações importantes até o processo de auxiliar nos treinamentos.	Aproximação da função de auxiliar técnico.	ANÁLISE DA FUNÇÃO

P1	Aumento de mercado para a função de analista de desempenho. Apoio mútuo dos pares para desenvolvimento da área. Participação nas decisões de comissão técnica.	Aumento do mercado para o profissional de análise de jogo.	ANÁLISE DA FUNÇÃO
P2	Perspectiva de aprofundar mais nas informações através de novos conhecimentos, para feedbacks mais individualizados.	Desenvolvimento pessoal.	ANÁLISE DA FUNÇÃO
P2	Interdisciplinaridade entre a área de análise de desempenho e preparação física.	Interdisciplinaridade entre as áreas do conhecimento.	ANÁLISE DA FUNÇÃO
P3	Efetividade para treinador e clube.	Desenvolvimento pessoal.	ANÁLISE DA FUNÇÃO
P3	O analista vai se aproximar do cargo de auxiliar técnico a partir da abordagem humanizante.	Aproximação da função de auxiliar técnico.	ANÁLISE DA FUNÇÃO
P2	Apresentação dos pontos positivos e negativos através de um ambiente de aprendizagem, com a participação ativa das atletas em discussões.	Construção do ambiente de aprendizagem.	AMBIENTE DE APRENDIZAGEM
P2	Utilização do vocabulário do modelo de jogo.	Construção do ambiente de aprendizagem.	AMBIENTE DE APRENDIZAGEM
P2	Ambiente informal de discussão, atletas imersas no processo de construção da aprendizagem	Desenvolvimento do ambiente de aprendizagem	AMBIENTE DE APRENDIZAGEM
P2	Direcionamento da discussão no ambiente informal.	Desenvolvimento do ambiente de aprendizagem	AMBIENTE DE APRENDIZAGEM
P3	Através da discussão dos dados e informações produzidas.	Ambiente de aprendizagem Informal	AMBIENTE DE APRENDIZAGEM

P3	o ambiente de aprendizagem margeia as esferas do esporte	Aplicação do ambiente de aprendizagem.	AMBIENTE DE APRENDIZAGEM
P3	Projeção do atleta. Curva de evolução, regressão ou manutenção. Estabilização dos dados.	Monitoramento dos dados.	MONITORAMENTO DOS DADOS
P3	Estabilização dos dados em seis jogos.	Monitoramento dos dados.	MONITORAMENTO DOS DADOS
P3	Cada divisão da análise tem um objetivo específico. Deve-se levar em consideração modelo de jogo, cultura do clube, contexto e ideias do treinador.	Objetivos distintos da análise de jogo.	OBJETIVO DE ANÁLISE
P2	A seleção do conteúdo das adversárias se dá na repetição de acontecimentos. Busca-se encontrar padrões que se repetem com maior frequência com base na contextualização do jogo.	Seleção de conteúdo.	OBJETIVO DE ANÁLISE
P2	A organização acontece em uma plataforma de apresentação e também em arquivos de vídeos.	Apresentação do conteúdo	APRESENTAÇÃO
P4	Análise de treino para aplicação de conceitos. Análise pré jogo estudo do adversário, análise pós jogo feedback individual.	Apresentação do conteúdo dividido por objetivos definidos pela comissão.	APRESENTAÇÃO
P4	O treinador e a comissão que definem os critérios a serem analisados, e desenvolvidos pelo analista.	Comissão e analista	DEFINIÇÃO DE CRITÉRIOS
P4	CrITÉrios estabelecidos pelo treinador e o protocolo desenvolvido pelo analista. Padronização da coleta.	Comissão e analista.	DEFINIÇÃO DE CRITÉRIOS
P4	O treinador participa do processo de definição. Operacional auxiliar acompanha o processo.	Comissão e analista.	DEFINIÇÃO DE CRITÉRIOS

## 5.1 NECESSIDADES DO TREINADOR

Visitando de forma íntegra ao marco teórico, é importante ressaltar os esforços do trabalho em visualizar o analista de jogo enquanto figura ativa dentro da comissão técnica, atuando de forma humanizante em seus processos. Logo, o analista de jogo deve se esforçar em conhecer a pedagogia como alicerce que fundamentará a sua práxis. Para isso, um importante autor que irá colaborar com o trabalho é Paulo Freire na obra *Pedagogia da Autonomia*. Portanto, na clareza da função, ao trabalhar o conteúdo desejado supera os esforços mínimos, ou seja, através dos recursos produzidos pelo analista o atleta possa produzir sua compreensão, na íntegra, acerca do conteúdo, se apropriando da inteligência a partir da comunicação entre analista como comunicador e co-produtor e atleta como produtor do conhecimento (FREIRE, 2020).

Com base no agrupamento das respostas, percebeu-se que as necessidades do treinador irão guiar o planejamento e as informações que serão apresentadas para o mesmo. Nesse sentido, o analista de desempenho enquanto membro auxiliar técnico dentro da comissão, condiciona os seus esforços em levar as informações importantes dentro de treinos e jogos com base nas necessidades do treinador. Essa conduta fica clara quando P1 nos diz “[...] Entender a proposta e filosofia do treinador para planejar e entregar as informações que o treinador necessita”. Logo, é necessário que o analista precisa se envolver com a comissão técnica de modo a entender quais seriam os tipos de informações que a comissão técnica, mais precisamente o treinador, identifica como importante. Cabe ao analista ser um intermediário ativo entre as informações coletadas e a transferência para o treinador, uma vez que a partir dessa coleta e gestão das informações o treinador tome as decisões efetivas (PEREIRA, 2006)

Isso corrobora conforme o mesmo P1 comenta que “O analista cada vez mais se aproxima da função de auxiliar técnico na condição da especificidade da análise de desempenho. Desde ao processo de levar informações importantes até o processo de auxiliar nos treinamentos.” É importante destacar conforme Duarte (2017) diz que o objetivo das informações posterior ao processo de observação e recolha dos dados, como também a análise deste material, é possível de ser usado como ferramenta junto a elaboração e realização das sessões de treino, bem como na efetivação do microciclo semanal.

Logo, fica claro e importante destacar que durante esse processo o treinador apenas coordena as ações, cujo objetivo final é levantar as informações aos quais possibilita um conhecimento e uma intencionalidade evidente, designado pelas tais necessidades do treinador.

Nesse sentido, serão os direcionamentos da comissão técnica que guiará o processo prático observacional da análise de jogo, envolvendo os aspectos gerais e específicos do jogo, envolvendo não só os interesses do clube propriamente dito. Além disso, um ponto que chama a atenção é que o auxiliar técnico direto do treinador pode assumir essa função de delegar quais seriam as informações importantes de acordo com P4 “Auxiliar delegava as demandas, os analistas faziam o processo operacional.”

Dito isso, percebemos que as necessidades dos treinadores se baseiam em condições dos treinamentos e dos jogos. Logo, quando P2 diz “[...] auxiliar a comissão técnica com informações das adversárias, desde os pontos fortes até os pontos fracos. Acompanhamento da evolução ou regressão da equipe em treinos e jogos.” mostra a importância das informações enquanto preparação para o próximo jogo e também monitorar a evolução ou regressão da equipe durante o período. Nesse contexto, P2 vai ao encontro de Vázquez (2012) que sugere a respeito da consciência do treinador sobre seu adversário, acerca da identificação dos padrões, pontos fracos e pontos fortes, faz com que a probabilidade de serem pegos de surpresa sejam pequenas, pois prepararam o microciclo semanal, de acordo, e também, com as informações do adversário.

Notamos que tal prática é recorrente quando P4 também confirma em “Análise durante o jogo é para CT tomar as decisões. Pós jogo é para feedbacks coletivos e individuais.” nos mostrando que existe margem para um ambiente de aprendizagem. Nessa fase, P4 não relata quais seriam os tipos de feedbacks coletivos e individuais, no entanto, conforme a literatura nos mostra, todo esse contexto se dá através dos atuais sistemas de avaliações esportivas dos atletas partindo da Comissão Técnica. Sendo assim, se torna uma comunicação que se baseia no discurso vertical, ou seja, de cima para baixo (FREIRE, 2020). A análise de desempenho enquanto parte do processo avaliativo não se deve entrar em desacordo, no entanto, pensar e elaborar maneiras distintas e libertadoras em detrimento das práticas silenciadoras no que diz a respeito de uma avaliação formativa (FREIRE, 2020).

Por fim, primeiro ponto a se destacar que a relação entre a comissão técnica do analista a partir do viés das necessidades do treinador está relacionado com as estruturas de poder de Michel Foucault, ou seja, há estruturas de poder, cujo objetivo do poder é assentar os saberes submetidos ao sujeito, tanto delinquente quanto ao juiz, ou seja, todos estamos submetidos à uma rede tecida pelo poder (FOUCAULT, 2014).

Para tanto, é necessário que, fazendo um exercício de comparação, a análise de desempenho, ao longo da sua utilização, em especial no futebol, vem firmando alguns tipos de condutas, ou seja, condutas normativas, as quais devem ser executadas a partir de determinados padrões e que não há uma sequer alternativa a não ser reproduzi-las sem qualquer reflexão da relação com a lógica do jogo (FOUCAULT, 2014). Sendo assim, é necessário que o analista de jogo junto com a comissão técnica tenha comunhão sobre qual é a intencionalidade para as necessidades do treinador (FREIRE, 2020).

## **5.2 FASES E MOMENTOS DO JOGO**

A segunda caracterização segundo a respostas dos participantes, advém da ideia dos treinadores priorizarem o estudo das bolas paradas a favor e contra, momentos de transições defensivas e ofensivas e também a análise das ações ofensivas e defensivas (SILVA; CASTELO; SANTOS, 2001)

Logo P1 colabora nos dizendo que “A divisão é feita a partir de fases e momentos do jogo, como organização ofensiva e defensiva, as transições ofensivas e defensivas e as bolas paradas. Cada critério possui seu aprofundamento e especificidade de cada jogo.”, portanto, é feita esse desmembramento para estudar o adversário com mais detalhes e com mais riquezas sobre a produção de informação. Parte do princípio da especificidade das fases e momentos do jogo, para que a construção do material seja fácil e com praticidade para acessar o verdadeiro conteúdo da informação a ser transformada em saber.

Para isso, P2 trás em sua fala “Existe uma variação da demanda, se tratando da análise da própria equipe é montado um protocolo com base no modelo de jogo da treinadora. Quando o objetivo é estudar as adversárias é feito a divisão das fases e momentos do jogo, bolas paradas e seus subprincípios.”. Logo, podemos tirar conclusão que as necessidades do treinador margeiam esse aspecto da divisão em fases e momentos do jogo, no entanto com as devidas particularidades baseado na intencionalidade de monitorar a própria equipe e estudar os adversários.

## **5.3 PROCESSOS METODOLÓGICOS**

Os processos metodológicos estão relacionados com uma abordagem metodológica no momento de recolha dos dados ou no processo da transformação da informação em

conhecimento. Portanto, o processo de estruturação metodológica foi se desenvolvendo ao longo do processo de trabalho.

Nesse contexto, foi unânime a criação dos processos metodológicos como parte do desenvolvimento e do planejamento do trabalho. No entanto, vemos que esses processos foram construídos com o auxílio da comissão técnica, conforme P1, P2 e P3 relatam:

Tabela 5: Respostas referente ao tópico processos metodológicos

P1	O processo de metodologia foi sendo criado ao longo do desenvolvimento da área. Metodologia foi construída com membros da comissão técnica.
P2	Não existe uma estrutura metodológica explícita. Foi criado processos com base na filosofia da treinadora
P3	Não tem uma metodologia específica, mas segue o padrão de coleta. Definição do objetivo, como executar, como armazenar e como analisar

Fica evidente e claro que nenhum dos participantes relataram qual o tipo de metodologia foi desenvolvida ao longo do processo, mas diante da literatura, entendemos que se existe uma prática como forma de desaprovação a experiência formadora é aquela que prejudica ou impossibilita a curiosidade do atleta, e por consequência a do analista também (FREIRE, 2020).

Foucault (2014) nos diz que sistemas de vigilância cria e dita os sistemas normativos de conduta, logo, partindo desta ideia, a análise de desempenho pode assumir este papel criando caminhos facilitadores para os treinadores e analistas de jogo, sendo a essência da análise de desempenho antagônica a este tipo de prática. Seu significado é auxiliar na captação de informações que irão gerar conhecimento construído, dentro de um planejamento sistêmico e ecológico (CORREIA; SILVA; SCAGLIA, 2021).

Sendo assim, a metodologia humanizante construída deve se basear na pedagogia do esporte ao passo de se exercer da melhor forma possível quando provoca os atletas a respeito de instigar ou refinar a sua curiosidade, certamente através do auxílio do analista de jogo ambicionando sua inteligência através do conteúdo trabalhado (FREIRE, 2020).

Dessa forma, é preciso que fique evidente sobre o analista de jogo não reduzir os seus atletas à condição de objeto, pois quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2020). Ou seja, é neste sentido que o formador, neste caso, o analista de jogo, está constantemente aprendendo enquanto ensina seus atletas, ao passo que os atletas estão aprendendo e ensinando na medida que estão compreendendo o conteúdo que foi proposto.

Por fim, é preocupante quando a metodologia é submetida dentro relações de poder de Michel Foucault, ou seja, o homem contemporâneo não está diretamente subordinado às leis, mas sim um sujeito totalmente normativo, assim dizendo, subordinado às normas de condutas ligadas às diversas instituições (FOUCAULT, 2014). Logo, as condutas dos atletas tornando seres acrílicos seriam produtores de um comportamento normativo advindo de uma metodologia que submete os saberes a serem ensinados.

#### 5.4 BANCO DE DADOS

O processo de armazenamentos dos dados acontece na seleção de uma plataforma ou na criação da mesma, com o intuito de reunir as informações em um ambiente seguro. Difere quanto aos meios operacionais, mas todos atingem o mesmo objetivo: selecionar as informações aos quais adquirem um significado maior quanto ao que podem ser aplicadas.

Tabela 6: Respostas referente ao tópico banco de dados.

P1	Os dados são armazenados em uma plataforma online de nuvem, e os dados cujos possuem uma maior importância são armazenados também através de computadores para backup. Tabelamento de ações individuais.
P3	Eu criei um banco de dados. Daí, daí varia da forma que o dado é, se é vídeo se é... é... dado quantitativo
P4	Banco de dados que gerava um relatório em PDF.

Logo, podemos entender que em todas as falar é possível identificar os mesmos objetivos quanto ao armazenamento dos dados, isso é importante pois através destas informações armazenadas cria-se um relatório cuja intencionalidade é mostrar as informações a cerca do treino e do jogo conforme as necessidades do treinador e comissão técnica.

## 5.5 TREINOS

O tópico sobre os treinos está relacionado diretamente com a parte prática das informações que o analista recolhe sobre a própria equipe e o adversário. Nesse sentido, seguindo o modelo de jogo como base para um referencial que determina as diretrizes que os diversos componentes do jogo (GARGANTA, 2000), nota-se uma grande valorização do trabalho do analista para com as informações que serão aplicadas no treino para consolidação do modelo em si. Portanto, a informação que é apresentada junto ao atleta num contexto coletivo ou individual, é uma das variáveis importantes que atua na aprendizagem (HUGHES, 2002).

Nesse contexto, é apropriado que a construção dos exercícios leve em consideração as informações advindas da análise de jogo de forma que haja uma intervenção pontual nos aspectos que necessitam de mais atenção do treinador (SILVA; CASTELO; SANTOS, 2011). Embora, seja possível selecionar inúmeros aspectos do desempenho de uma equipe, apenas uma parte destes dados são importantes, fazendo com que seja importante conhecer previamente as categorias de análise (GARGANTA, 2001).

Partindo deste princípio, P1 nos relata que “Através de discussões e palestra, o treinador utiliza das informações para montagem dos treinos.” podemos observar que o treinador pensa o seu planejamento de atividades dos treinos com base no que o setor de análise de desempenho fornece de informações no que foi apresentado durante o jogo. Sendo assim, o que é desenvolvido é colocar situações práticas dentro do campo para que seja possível construir o conhecimento e desenvolvimento dos atletas.

É necessário entender que um saber indispensável para um profissional de análise de desempenho, como sujeito da produção do saber, é compreender que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção (FREIRE, 2020). Sendo assim, a construção do conhecimento é útil para a solução de problemas que o jogo impõe, ou seja, inteligência para o jogo, fortalecendo a tomada de decisão, através do desenvolvimento do pensar sobre o fazer.

Logo, é valoroso que as sessões de treinos sejam pensadas com informações precisas e objetivas a respeito do desempenho da equipe, para que se crie um bom ambiente de aprendizagem, para que os atletas tenham contato na prática sobre o que ouviu e viu de informação na apresentação.

P1 continua “Dentro dos vídeos que eu passo para ele a gente chega num consenso final, ele já molda algumas situações nos treinos para as situações que a gente encontrava no vídeo.” mostrando e corroborando novamente, a partir do alinhamento das informações que são produzidas já é pensado na elaboração de atividades que simulam algumas situações reais do jogo. Dessa forma, quanto mais se discute o jogo que é jogado, desperta mais interesse do atleta em saber e desenvolver mais conhecimento acerca do seu jogo e do jogo propriamente dito. Consequentemente, confirma Freire (2020), quanto mais criticamente se concretiza a capacidade de aprender, mais se constrói e desenvolve a curiosidade epistemológica.

Nessa circunstância em que há a significação da não redução do sujeito (atleta), na qual o ensinar não se resume no conteúdo superficialmente feito, mas na sua construção, prolongada através dos ambientes, em que aprender criticamente é possível (FREIRE, 2020). Para isso, é necessário que tais ambiente requerem de analistas e atletas criadores, instigadores, inquietos e curiosos (FREIRE, 2020).

Já P2 nos diz que “Resultados que apareceram dentro do jogo foram a partir do estudo dos pontos fracos da equipe adversária.”, portanto embora seja uma abordagem diferente caminha para o mesmo objetivo. Logo, nas sessões de treino são utilizadas para explorar as vulnerabilidades das adversárias. Nesse sentido, parece que não há uma adaptação buscando reproduzir as características do adversário, mas sim criar situações que irão explorar as vulnerabilidades dos pontos fracos da equipe que será enfrentada no jogo.

Outro saber fundamental na prática educativa, neste caso na pedagogia esportiva, está relacionado à sua essência, ou seja, o analista precisa se movimentar no sentido da clareza de sua prática, logo, precisa conhecer a profundidade que caracteriza a sua prática enquanto educador (FREIRE, 2020), sendo assim, tornando seu exercício mais seguro, potencializando os atletas.

É importante destacar que seguindo esta lógica é preciso ter cuidado com a inversão dos valores da análise de desempenho tradicional. Uma área onde há a produção de conhecimentos, e por uma visão privilegiada para assistir o jogo, com ângulos favoráveis para análise, muitas vezes com utilização de recursos tecnológicos, para auxiliar durante o processo, consequentemente se cria uma microfísica do conhecimento-poder utilizando-se da área da análise de desempenho como produção de corpos dóceis (FOUCAULT, 2014).

P4 também nos auxilia em seu relato quando diz “Aparentemente as intervenções do relatório de adversário era nos treinos. Durante o jogo não tem como saber.” embora não

pôde confirmar com certeza, parece que os treinamentos eram construídos com base também nas informações que eram produzidas pelos analistas de jogo.

Portanto, fica evidente que os treinadores utilizam das informações que os analistas de jogo produzem. É possível ter clareza através dos treinamentos e que as atividades que compõem a sessão de treino são pensadas a partir do viés do próximo adversário no campeonato, mas também através dos pontos de melhoria da própria equipe no último jogo.

## **5.6 PARTICIPAÇÃO DO TREINADOR**

A participação do treinador ela aparece enquanto ao modus operandi. Assim sendo, o treinador não participa do processo operacional a cerca da recolha do material que posteriormente será produzido as informações objetivas e claras. P2 relata que “É aberto, a gente gostaria que tivesse nas análises, nas coletas, mas ela não participa diretamente.” e também P3 “Treinador não participa do processo.”, portanto fica evidente que o treinador participa no processo de planejamento para alinhar as diretrizes de análises, ou seja, qual será os objetivos e as informações necessárias.

Além disso, o treinador também participa no processo de discussão da informação. É possível notar a delegação das tarefas no sentido de dividir as funções, ou seja, enquanto o analista está recolhendo os dados e construindo a informação a ser discutida, o treinador está pensando na estratégia e montagem das sessões de treinos.

## **5.7 MATERIAL EXTRA CAMPO**

Este tópico se resume apenas ao tipo de informações que a diretoria do clube pede junto ao analista. Isto posto, quando P1 diz “Situações específicas referente ao jogo, mais relacionado as discussões burocráticas em relação a federação. Material de análise de mercado. Parece ser em ocasiões de solicitações ao invés de trabalho contínuo.” nos parece não ter uma rotina estabelecida de produção de informação a respeito deste trabalho. Aparenta ser tramites referentes junto a organização do campeonato em situações que no julgar da diretoria houve algum tipo de interferência.

Além disso, atribuindo a uma função de análise de mercado, o analista também produz informações referentes ao monitoramento de atletas para possíveis contratação (CORREIA; SILVA; SCAGLIA, 2021).

## 5.8 ANÁLISE DA FUNÇÃO

Este tópico tem o intuito de fazer uma reflexão a respeito da prática do analista de desempenho enquanto função. Para entender melhor o impacto produzido, convocamos Freire (1996) numa perspectiva humanista de que o analista de jogo é um produtor de conhecimento, logo, é necessário compreender que ensinar não é transferir conhecimento, mas sim criar as oportunidades para a construção e produção do conhecimento. Sendo assim, quando o analista está com o atleta, ele deve se preparar para as questões, curiosidades dos mesmos, ser um crítico e provocador, no sentido de ensinar, ou seja, construir o conhecimento e não simplesmente transferir conhecimento de forma acrítica.

Por isso é desejável que a área da análise de desempenho esportiva não assuma o caráter de uma educação tradicional, ou seja, fazendo um exercício comparativo, não assuma o caráter avaliativo se resumindo a conteúdo e a prova, ou mais específico, a treino e a competição. Entretanto, que seja uma ferramenta formativa ao longo do processo, que questione se os conteúdos trabalhados nos treinos foram suficientes para produzir as adaptações necessárias do jogo nos atletas, através das interações interpessoais, do ambiente de aprendizagem, da emancipação e envolvimento no jogo (CORREIA; SILVA; SCAGLIA, 2021).

Quando P1 relata “O analista cada vez mais se aproxima da função de auxiliar técnico na condição da especificidade da análise de desempenho”, inferimos que o profissional de análise de jogo atuará desde o processo de levantar informações importantes até o processo de auxiliar nos treinamentos. Este trecho nos apresenta uma evolução da função em ser um membro atuante dentro das comissões técnicas, na sua qualidade máxima de auxiliar por ter o conhecimento do modelo de jogo do treinador bem como a clareza do adversário, logo, parece vantajoso para a comissão técnica ter uma opção no campo para ajudar a desenvolver o ambiente de aprendizagem uma vez que o treino se assemelha as condições do jogo.

Logo, o analista de jogo com função de auxiliar técnico colabora nas instruções dos atletas. Esta é uma prática que busca a emancipação enquanto atleta e pessoa no mundo, de forma que o mesmo entenda o seu próprio jogo e também o jogo em sua complexidade, como também as situações caóticas encontradas por ele em seu dia-a-dia, não apenas replicando o conteúdo que lhe fora imposto, mas refletindo a sua prática e problematizando-a (FREIRE, 2020). Em vista disso, o conhecimento a ser produzido deve ser elaborado pelos atletas em

consonância com o analista de jogo, pensando na construção de um conhecimento crítico, se baseando na curiosidade como característica do fenômeno em forma de jogo (FREIRE, 2020).

Além disso, P1 também destaca sobre “Aumento de mercado para a função de analista de desempenho. Apoio mútuo dos pares para desenvolvimento da área. Participação nas decisões de comissão técnica.”, diante disso, as vagas para o profissional de análise de desempenho tendem aumentar com a demanda e importância que a área vem adquirindo, bem como a procura dos clubes para a criação deste departamento (COTTA, 2018). Não somente isto, é perceptível um movimento entre os colegas de clubes ser solícitos em ajudar na disponibilização de jogos para o estudo e levantamento de informações, fazendo com haja um movimento de apoio entre os pares. Por fim, o profissional de análise de jogo como membro atuante dentro das comissões técnicas é coerente a sua participação nos momentos de discussões e tomadas de decisões.

P2 nos traz o panorama pessoal a cerca da “Perspectiva de aprofundar mais nas informações através de novos conhecimentos, para feedbacks mais individualizados.”, fazendo um movimento no esforço para capacitar-se com o objetivo de poder desenvolver a construção do conhecimento. A partir desta lógica, outro ponto a ser destacado é o analista de jogo respeitar a experiência e o processo formativo do atleta. Isso não implica na concordância absoluta, muito menos no jogo tático de simpatia com o atleta (FREIRE, 2020). Significa uma maneira inicial de abordagem para estimular a curiosidade, em especial o desenvolvimento de seu jogo.

Logo, é valoroso enrijecer a compreensão acerca da alternância de quem tem o poder. O aprisionamento limita as experiências e a vivência dos atletas, portanto, delimitando o seu acervo para as situações-problemas impostas pelo jogo. É necessário assimilar que ao passo que um indivíduo detém o poder consciente, ele precisa intercalar, através da intencionalidade, os agentes que irão deter de tal poder (FOUCAULT, 2014). Portanto, é necessário cuidado ao se trabalhar com análise de desempenho para não se tornar mais uma instituição que dita normas, envolvendo-a na relação de conhecimento-poder (FOUCAULT, 2014).

P3 comenta sobre “O analista vai se aproximar do cargo de auxiliar técnico a partir da abordagem humanizante.”, logo corrobora com Freire (2020). Nesse sentido, o analista de jogo que adota um método autoritário ou paternalista dificulta o processo de curiosidade do atleta bem como a sua própria curiosidade. Para isso, com base na pedagogia esportiva é primordial que este e esta profissional seja entendido, por si mesmo ou mesma, como

produtor e produtora de saberes, que não carece ser regido ou regida por relações heterônomas e, sim, criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção (FREIRE, 2019; 2020; CORREIA; SILVA; SCAGLIA, 2021).

Isto posto, Foucault (2014) diz em sua obra, que a disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em poucas palavras: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita” (FOUCAULT, 2014., p. 164).

### **5.9 AMBIENTE DE APRENDIZAGEM**

Para entender o que o tópico abordará convocamos o conceito inicial a ser trabalhado é o da pedagogia do esporte. A pedagogia do esporte, enquanto uma subárea das Ciências do Esporte, estuda e propõe intervenção no processo de ensino, vivência, aprendizagem e treinamento do esporte, condensando o conhecimento acerca da organização, sistematização, aplicação e avaliação das práticas esportivas em suas múltiplas manifestações e sentidos (SCAGLIA, 2011; FREIRE 2003).

Esses ambientes são capazes de transformar os atletas em sujeitos reais da construção do conteúdo ensinado, junto ao analista de jogo, igualmente sujeito do processo (FREIRE, 2020). Este ecossistema cerceado de curiosidades é capaz de eludir de irracionalismos, resultante da racionalidade excedente em tempos demasiadamente tecnológico (FREIRE, 2020).

Isto posto, o ambiente de aprendizagem não se restringe a um ambiente qualquer, pelo contrário, é necessário que os atletas sejam protagonistas de um conhecimento ali construído a partir dos estímulos oferecidos pelo analista. Desta forma, este ecossistema é preparado diferente de um ambiente aleatório sem intencionalidade.

Podemos citar na obra Vigiar e Punir de Michel Foucault a diferença entre ambiente controladores e ambiente humanizantes. Foucault (2014) verifica a história da violência nas prisões, analisando as mudanças no sistema penal ocidental, concentrando-se nas relações de poder, através das diversas entidades, chamado de micro relações de poder.

Sendo assim, podemos dizer que nossa sociedade está refém de uma cultura de vigilância que não oportuniza outra escolha a não ser acatar a rede de normas. E como o esporte faz parte da sociedade, e conseqüentemente, um fenômeno antropológico, como dito anteriormente, é de se esperar que as condutas normativas apareçam, no entanto, com modificações específicas, respeitando a estrutura esportiva (FOUCAULT, 2014).

Desta forma, a Panóptica assume um papel importante na forma ideal de punição moderna, ou seja, o controle absoluto sobre os indivíduos. Este método trabalha na hierarquia e no acanhamento espacial como plano para almejar o controle das pessoas. Ademais, o mesmo sistema induz na pessoa observada um estado consciente e definitivo de visibilidade, o que descreve Foucault, como a manutenção automática do poder. Portanto, a Panóptica cumpre com os requisitos da produção de corpos dóceis, ou seja, um corpo submetido a transformações e aperfeiçoamentos, de fácil manipulação, disciplinável e subjugável (FOUCAULT, 2014).

Dito isso, se tratando da análise de desempenho, práticas que não fomentam a discussão, a reflexão crítica, ou em outras palavras, o jogo que é jogado, corrobora com Foucault a respeito da produção de corpos dóceis. Esse comportamento acontece pelo fato de não colocar os atletas em um ambiente de aprendizagem, onde não há uma produção do conhecimento (CORREIA; SILVA; SCAGLIA, 2021).

Deste modo, há a microfísica do poder, que irá criar um poder horizontal na sociedade a partir das instituições e suas normas, deixando as leis estaduais de lado. Como consequência, uma sociedade normativa do conhecimento será construída: aquele que detém o maior conhecimento ditará as normas a partir desta relação conhecimento-poder (FOUCAULT, 2014).

Nesse sentido, esse poder que parte das instituições assumem duas funções importantes: tornar os indivíduos mais dóceis, ou seja, o medo da vigilância faz com que não haja questionamentos sobre as normas. É desta forma, que Foucault trabalha a progressão das punições, desde os suplícios até as formas de controles atuais. As instituições moldam o comportamento para produzir a represália, não havendo questionamentos, apenas a reprodução a partir do controle que é gerado sobre as ações (FOUCAULT, 2014).

Fica evidente também, o regime normativo que se cria, através da ótica em que a ciência, os números e os softwares ganham uma relevância de sofisticação que margeia o inquestionável. À vista disso, a ferramenta que pode ser libertadora pode também ser aprisionadora a partir da perspectiva de quem está no poder (CORREIA; SILVA; SCAGLIA, 2021).

Certamente, práticas que não exercitam a emancipação do atleta, que incitam a redução dos mesmos a objeto de transferência de conhecimento, e que partem do princípio de uma análise de desempenho acrítica corrobora com uma releitura adaptada da Panóptica, também com a produção de corpos dóceis, uma vez que irá produzir jogadores que não entendem o jogo que joga, sujeitos acríticos e dependentes de orientação. Logo, não proporciona a autonomia suficiente para devolver o jogo ao jogador, sendo sua problemática na produção da obediência das normas, alterando sua percepção de ser no mundo e no jogo, a partir da observação constante da Panóptica Esportiva (CORREIA; SILVA; SCAGLIA, 2021).

No entanto, vemos em Freire (2020) como uma alternativa ao sistema tradicional de cunho exploratório. Uma forma de transgredir o complexo tradicional seria colocando os atletas como coprodutores do conhecimento. P2 desenvolve nos dizendo que há uma apresentação dos pontos positivos e negativos junto da participação ativa das atletas em forma de discussão. Portanto, corrobora com a proposta humanizante tornando as atletas protagonista do conhecimento ali construído.

Sendo assim, para que seja possível respeitar os atletas na sua essência enquanto pessoa e enquanto agente ativo do jogo, é necessário levar em consideração as condições que os mesmos passaram em sua formação (FREIRE, 2020). Nesse sentido, esse respeito à dignidade do atleta não consente subestimar ou achincalhar do saber que o mesmo traz consigo para os treinos e jogos (FREIRE, 2020).

Logo, Santana (2005) e Balbino (2005) colaboram indo de encontro às abordagens coisificantes na pedagogia do esporte, uma vez que, o modelo reducionista da simplicidade, estabilidade e objetividade, deverá ceder espaço ao modelo da complexidade, ou seja, complexidade, instabilidade e intersubjetividade que vão ao encontro do pensar e agir alinhados a condição humana do atleta.

Além disso, P2 também realça sobre o ambiente informal ao qual as atletas estão imersas no processo de construção da aprendizagem. Seguindo essa lógica, um ambiente pedagógico-democrático adequado é aquele em que o atleta irá se desenvolvendo a partir da sua prática, de forma que sua curiosidade esteja delimitada pela sua liberdade, mas em frequente exercício (FREIRE, 2020). Este limite se baseia na eticidade assumida pelo próprio atleta, sendo a curiosidade delimitada pela invasão de privacidade de seus companheiros, ou seja, a curiosidade não tem o direito de invadir a privacidade do outro para colocá-la aos demais (FREIRE, 2020).

Sendo assim, enquanto uma área da produção do conhecimento, e conseqüentemente um local de abertura a falas, é necessário entender que além do direito e do dever de falar, o analista de jogo não se torna um ser único a ter o que dizer (FREIRE, 2020). Não só isso, como também por mais importante que seja o assunto a ser dito, não implica necessariamente num pronunciamento feliz ou igualmente esperado por todos (FREIRE, 2020).

P3 também corrobora com o marco teórico quando diz que através das informações que são produzidas há uma discussão, e que portanto, o ambiente de aprendizagem margeia as esferas do esporte. Adjacente a isso, quem tem o que a dizer também deve escutar outros agentes que contribuem falando, sendo o silêncio um importante espaço na comunicação (FREIRE, 2020). Esta forma ativa de comunicação concede ao ouvinte participar no movimento interno do seu pensamento, enquanto quem fala aventura-se em manifestar-se através da linguagem evoluindo a discussão (FREIRE, 2020).

Por isso, quem escuta não se diminui em nada, apenas está exercendo o seu direito de discordar, de se opor e de se posicionar. Através dessa perspectiva se dá o preparo para expressar da melhor forma às ideias de um modo que não seja autoritário (FREIRE, 2020). Quando se respeita o processo formativo do atleta, reconhece a historicidade do saber, como desenvolvimento cultural, rejeitando o pragmatismo científico, assumindo a humildade crítica, faz com que o atleta assume o papel da produção da sua própria inteligência e não apenas receptor de uma transferência de conhecimento (FREIRE, 2020).

Frente a isso, devido a necessidade de aprofundarmos no avanço da discussão, entre as diferentes funções da pedagogia do esporte uma das principais e fundamentais é possibilitar os diferentes meios da formação e emancipação referentes ao esporte, com suas raízes na intencionalidade educativa (BENTO, 2006). Portanto, Scaglia (1999) traz a importante discussão a respeito da práxis esportiva como marco pedagógico fincado na intencionalidade, em que ambos devem andar lado a lado. Isto é, esta associação deve ser compreendida na complementaridade, onde o seu processo investigativo norteador, a teoria e intencionalidade, deve estar perfeitamente alinhado com a sua ação prática, a práxis educativa.

Dessa forma, na Pedagogia do Esporte, alicerçada pelos princípios pedagógicos em que o processo esteja preocupado no sujeito enquanto membro atuante do jogo, respeitando sua historicidade, motivações e humanidade, através do comprometimento com o ensinar a busca pela sua emancipação e transformação, de forma que promova sua autonomia, criticidade e compreensão sobre o fazer, seja incorporada à sua cultura corporal e social (SCAGLIA, 1999, 2003; FREIRE, 2003).

## 5.10 APRESENTAÇÃO

Neste momento é destinado aos passos finais que se concentra em apresentar as informações que foram construídas ao longo de todo processo. Assim sendo, este tópico adquire importante significância pois é onde há a comunicação para a construção do conhecimento. Dito isso, podemos assim dizer, que se não trabalhado em um princípio ativo, os jogadores em campo tendem apenas obedecer a ordens, deixando de lado a sua interpretação do jogo, se tornando assim um sujeito normativo do jogo. Encontra-se o desenvolvimento do novo conteúdo referente ao poder verticalizado sobre o comportamento normativo. Os corpos dóceis, como chama Foucault, decorrem dos modelos disciplinares que vêm sendo utilizados ao longo dos tempos, como método de dominação (FOUCAULT, 2014).

Deste modo, pode-se afirmar que a posição dos analistas não se comprime apenas na determinação das grandezas da performance esportiva, seja individual ou coletiva, com exclusividade em explorar o jogo de futebol e seus sistemas complexos (FREIRE, 2003; SCAGLIA et al, 2013).

Portanto, é concebível ofertar uma condição pedagógica à função do analista de jogo no futebol de alto rendimento, ao passo que o mesmo transcende a coleta, absorção e gestão dos dados a partir da observação do jogo, junto ao processo da participação na construção das sessões de treinamento, para estimular os saberes relacionados a pratica específica da modalidade (CORREIA; SILVA; SCAGLIA, 2021)

Desta maneira, P2 comenta que a organização se dá através de plataformas de apresentação e em arquivos de vídeos. Isto posto, chama atenção para os processos ou seja para o *modus operandi* em detrimento do como ocorre as apresentações. Nesse contexto, o conhecimento detalhado a cerca do jogo, a identificação crítica sobre as particularidades destaques do adversário e da própria equipe, com base nos contextos formais do jogo na construção de uma relação com jogadores e com a comissão técnica e os respectivos auxiliares, através da natureza pedagógica qualitativa, o analista de jogo deve voltar os seus esforços para o entrelaçamento das vertentes interdisciplinares com o objetivo da maximização da performance esportiva (GIL, 2012; VENTURA, 2013).

Complementando, quando P4 comenta sobre uma ordem coerente do desenvolvimento do trabalho partindo do treinamento para a construção de conceitos, análise pré jogo o estudo do adversário e análise pós jogo o feedback individual o que fica registrado é os processos em si não se caracterizam como humanizante ou coisificante, mas sim a conduta do profissional irá marcar as duas abordagens trazidas no presente trabalho. Então, se tratando de uma

abordagem pedagógica ecológica e sistêmica, é necessário levar em consideração o gesto humano enquanto um gesto imbuído de símbolos, história, cultura, conhecido como motricidade humana (FREIRE, met. Conf. Engorda).

Sendo assim, enquanto uma área da produção do conhecimento, e conseqüentemente um local de abertura a falas, é necessário entender que além do direito e do dever de falar, que o analista jogo não se torna um ser único a ter o que dizer. Não só isso, como também por mais importante que seja o assunto a ser dito, não implica necessariamente num pronunciamento feliz ou igualmente esperado por todos (FREIRE, 2020).

### 5.11 MONITORAMENTO DOS DADOS

Entendendo um pouco mais sobre este tópico, o conceito de *scouting* que Thomas, Nelson e Silverman (2012) discorrem que os registros de informações que trabalham no viés quantitativos oferece como dado um grau raso de subjetividade e concentração em características à frequência dos acontecimentos.

Esta é uma categoria que apenas P3 comentou e entrou na discussão. O monitoramento dos dados está relacionado com o acompanhamento longitudinal dos dados, em específico os dados numéricos quantitativos, a cerca do desempenho dos atletas. Para tanto, é necessário utilizar de métodos estatísticos para o desenvolvimento da atividade.

No entanto, é importante fazer o destaque para valorização atribuída pela área da análise de jogo a um tipo de análise exclusivamente estatística e quantitativa, visto que tal pratica é desaconselhada por não perceber a dinâmica dos sistemas complexos dentro do futebol (GARGANTA; GRÉHAIGNE, 1999), sobretudo quando volta os seus esforços a uma análise quantitativa da técnica.

Nesse sentido, Garganta (2002) e Santos (2006) argumentam que no futebol os fatores de execução da técnica sempre são estabelecidos por uma demanda tática, transformando de modo reduzido a tentativa de compreensão do desempenho a partir da frequência de acontecimentos das execuções técnicas.

Isto posto, quando P3 diz “Projeção do atleta. Curva de evolução, regressão ou manutenção. Estabilização dos dados.” e também “Estabilização dos dados em seis jogos.” está levando em consideração o aspecto humanizante para o processo de construção da informação a partir da significância que esses dados adquirem ao longo do processo. Dessa forma, a estabilização dos dados em seis jogos está relacionado em entender como o atleta se

desenvolve ao longo de um período para sim fazer parâmetros que não leve apenas em consideração a partida realizada, mas sim um agrupamentos de partidas para entender de modo geral e específico o atleta ao longo de um processo.

## 5.12 OBJETIVO DE ANÁLISE

Partindo do ponto central de que toda análise precise de um objetivo bem estabelecido sobre o que será analisado que abordaremos este tópico. Logo, o objetivo de análise enquanto disciplina pode ser prejudicial ao desenvolvimento do atleta, pois a disciplina exacerbada que é discutida, gera o respeito a partir das relações estabelecidas pela imposição do poder, naturalmente, fortalecendo o controle e mantendo a condição de *status quo* (FOUCAULT, 2014). Além disso, o poder disciplinar se desenvolve na significação do condicionar ou na doutrinação para apossar-se, além de tudo, da redução e aprisionamento das forças dos sujeitos. Para isso, é necessário que existam observatórios que proporcionem uma vigilância hierárquica, permanente, rigorosa e adequada para realizar a observação exata (FOUCAULT, 2014).

Ainda em seu estudo, Michel Foucault nos diz que a Panóptica irá criar dois tipos de poderes em nossas vidas: disciplinar e biopolítica. O poder disciplinar é o poder que irá regular a vida dos indivíduos, através do monitoramento de comportamento e das condutas condicionando as ações. Este sistema de poder disciplinar padronizará as ações, criando sujeitos com comportamentos iguais (FOUCAULT, 2014).

Portanto, é interessante que os objetivos de análise fujam completamente do princípio de coisificação, ou seja, da disciplinarização dos corpos dos atletas, criando sujeitos normativos de ações acríicas fazendo que haja a manutenção do estado em que o atleta vive e está. Consequentemente, compreender que o analista deve respeitar à autonomia, à dignidade e à identidade do atleta, corresponde a compatibilidade que leva a construção de virtudes e qualidade que sustenta uma abordagem humanista ecológica.

Sendo assim, quando P3 nos diz “Cada divisão da análise tem um objetivo específico. Deve-se levar em consideração modelo de jogo, cultura do clube, contexto e ideias do treinador.” leva em consideração não apenas um dos agentes que compõem o jogo, mas sim a estrutura que está inserido, o modelo de jogo que o clube e o treinador utilizam, a cultura em que o clube está inserido e também a própria cultura do clube, complementando com o contexto em que o trabalho está sendo desenvolvido, partindo do pré-suposto que entenda

sobre o cenário é profissional ou categoria de base, fase de iniciação ou especialização e por fim as ideias do treinador que compõem o modelo de jogo.

É perceptível que um desafio coerente da pedagogia do esporte e do analista de jogo enquanto educador, é desafiar seus atletas com quem se comunica e a quem se comunica, a realizar o seu conhecimento acerca do que vem sendo comunicado (FREIRE, 2020). Portanto, através do que pode ser compreendido, através da comunicação e intercomunicação, está intrinsecamente relacionada ao diálogo, na perspectiva dialógica, ou seja, a reflexão a partir da conversa.

Além disso, quando P4 comenta sobre “A seleção do conteúdo das adversárias se da na repetição de acontecimentos. Busca-se encontrar padrões que se repetem com maior frequência com base na contextualização do jogo.” busca explorar através do exercício de busca de padrões, ou seja, ações que são repetidas com frequência, os pontos fortes e os pontos fracos das adversárias fazendo com que a seleção do conteúdo que será apresentado se torne o objetivo de análise.

### **5.13 DEFINIÇÃO DE CRITÉRIOS**

Este tópico pode ser considerado um dos passos iniciais que tem início antes do início do jogo, se concentrando no alinhamento das ideias do treinador e suas crenças bem como a elaboração do modelo de jogo (PEREIRA, 2006). Desta forma, conforme Hughes (2007) afirma, admite-se um ser ativo que auxilie o treinador e a comissão, a partir da coleta e gestão dos dados para facilitar as tomadas de decisões efetivas.

Dito isso, foi unânime as respostas em que o treinador, junto da comissão define os critérios que serão utilizados como base para o desenvolvimento das análises. Portanto, fica claro e evidente a participação do analista junto ao processo como membro atuante para através da discussão chegar ao comum acordo sobre quais serão os pontos a serem abordados durante a análise.

Neste sentido, Garganta (2001, 2000, 1998) nos mostra que a seleção dos eixos de análise, bem como a identificação dos padrões de jogo é sinalizada como um importante fator no fornecimento de informação para analisar a performance e na modulação do processo de treino.

Este momento se torna importante por aliar como alicerce para acompanhar o modelo de jogo e as práticas de treinos e jogos, sabendo identificar se os estímulos estão sendo suficientes para a aquisição do conhecimento por parte dos atletas, sendo o modelo de jogo o

responsável por se aproximar do jogo sendo um importante orientador do processo de aprendizagem (GARGANTA, 2003).

Assim sendo, quando os critérios são determinados pelo treinador e pela comissão o analista inicia o processo operacional para a coleta dos dados em forma de protocolo. Logo, também foi unânime a execução da construção do protocolo por parte do analista de jogo. No entanto, o que mais chama a atenção para o tópico é o fato da definição dos critérios, sendo novamente reiterado a atenção para a conduta que será desenvolvida após a designação dos critérios.

É desejável que as condutas não sigam uma série de eventos como a disciplinarização dos jogadores, que tem como consequência, sujeitos de corpos dóceis, partindo do princípio da vigilância que assume a análise de desempenho. À vista disso, o que se observa são atletas padronizados, que reproduzem comportamentos que já são esperados pelos agentes reguladores do jogo, neste caso as comissões técnicas, sem ao menos entender o porquê de suas ações no jogo (CORREIA; SILVA; SCAGLIA, 2021).

Para isso, é importante que haja o movimento de escutar, pois obviamente ultrapassa os limites da capacidade auditiva, conseqüentemente, adquire significado a abertura à fala, ao gesto, às diferenças do próximo, o que certamente não exprime uma redução perante a quem fala (FREIRE, 1996).

## **6. CONCLUSÃO**

Portanto, fica claro e evidente que a caracterização do processo da análise de jogo não condiz com o humanizante e coisificante, que está diretamente relacionado às condutas do analista de jogo. Isto posto, os resultados nos mostram que a forma com que o profissional de análise de desempenho abordará tais processos irá transformar sua prática num movimento emancipatório ou reducionista. Além disso, o ambiente coisificante está relacionado com a docilização dos corpos, desenvolvendo um ambiente controlador, aprisionador e acrítico, ao passo que o ambiente humanizante irá desenvolver atletas que pensam, constroem e sejam autônomos de sua prática, a partir dos ambientes de aprendizagem criados pelo analista de jogo.

Nesse sentido, conforme foi mostrado anteriormente, é evidenciado que a prática que busca a emancipação do atleta enquanto ser pensante e atuante dentro do jogo, que desenvolve sua criticidade, respeitando o processo histórico-cultural bem como o seu espaço para

desenvolver e construir um conhecimento a cerca do esporte, contribui para o desenvolvimento de práticas emancipatórias.

Sendo assim, as ações e desenvolvimento do analista de jogo são regidas pelas necessidades do treinador em que guiará o planejamento para coleta dos dados que posteriormente se transformará em informação. Dito isso, a informação será armazenada em sistemas digitais online e arquivos de vídeos chamados banco de dados, para posteriormente construir um ambiente de aprendizagem para discussão a respeito do desempenho no jogo e treinos, em que os mesmos assumem a função de protagonismo na divisão de poder entre analista e atletas, desenvolvendo assim um ecossistema co-participativo para a construção do conhecimento.

Além disso, existem outras formas de construção do conhecimento, e foi observado que um importante passo para o desenvolvimento do pensamento crítico dos atletas está relacionado com as atividades dentro das sessões de treino que são construídas a partir das informações que o analista observou e destacou durante o jogo. Novamente, foi destacado que essas condutas corroboram com o processo humanizante de desenvolvimento de atletas. Logo, o analista de jogo se torna um membro importante da comissão técnica uma vez que o mesmo assume papel importante na função de auxiliar técnico com função de ajudar a desenvolver a construção do aprendizado por meio das análises e levantamentos de informações.

Ainda mais, o processo de definição de critérios também guiará o planejamento de como os dados serão recolhidos pelo analista de jogo. Tal processo está relacionado com discussões internas da comissão técnica e com o trabalho operacional destinado ao profissional de análise. Junto a isso, os processos metodológicos foram desenvolvidos ao longo do trabalho com a conversa e alinhamento junto a comissão técnica para também padronizar as definições de critérios e o processo de desenvolvimento do trabalho.

Por fim, foi observado também que os processos manuais referente a recolha dos dados não tem a participação do treinador, quem assume esta função naturalmente é o analista de jogo. Consequentemente, o treinador participa no processo de discussão das informações que são produzidas nos treinos e nos jogos.

## **7. REFERÊNCIAS**

ANGUERA, M. Teresa. Observación en la escuela: Aplicaciones. **Edicions de la Universitat de Barcelona**, [s. l.], 1998.

BACCONI, A. & MARELLA, M. Nuovo sistema di analisi della partita in tempo reale. In Preparazione atletica, analisi e riabilitazione nel calcio: 1º Convegno Nazionale A.I.P.A.C. Ediz. Nuova Prhomos. p. 17-28. Città di Castelo, 1995.

BALBINO, H. F. **Pedagogia do treinamento:** método, procedimentos pedagógicos e as múltiplas competências do técnico nos jogos desportivos coletivos. 2005. 262f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** 2ª reimp. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENTO, J. O. Pedagogia do desporto: definições, conceitos e orientações. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Org.). **Pedagogia do desporto.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

Campaniço, J. (1998). Observação Qualitativa dos Movimentos Desportivos - Estudo da observação na influência de variáveis de desempenho desportivo em natação, segundo as diferenças de conhecimento de erro técnico. Tese de Doutoramento (não publicada), Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

CASTELO, J. **Futebol:** a organização do Jogo. [S.l.]: Edição do Autor, 1996.

CORREIA, V. A. P.; SILVA, L. F. N.; SCAGLIA, A. J. O analista de desempenho no Brasil: panoramas e perspectivas no futebol profissional. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 13, n. 52, p. 158-171, 2021.

Dias, C. (2009). **Análise Tática no Futebol: Estudo exploratório dos Comportamentos táticos desempenhados por jogadores no campo relvado e no campo pelado** (Monografia de Licenciatura). Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

DUARTE, N. **Contexto prático de um analista de jogo inserido no departamento de futebol profissional do Gil Vicente Futebol Clube.** Porto, 2017. Relatório de estágio profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Treino de Alto Rendimento, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2017.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. [trad. Raquel Ramallete] 42ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Franco, M.A.S. A pedagogia como ciência da educação. In Franco, M. A.S.(Org.). Pedagogia como ciência da educação. 2ª edição. São Paulo. Cortez. 2008. p. 71-108.

FREIRE, João Batista. **Jogo**: entre o riso e o choro. Campinas: Autores Associados, 2002.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, Pedagogia do Oprimido. 81ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 63ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

Galatti, L.R.; Reverdito, R.S.; Scaglia, A J.; Paes, R.R.; Seoane, A.M.; Pedagogia do Esporte: tensão na ciência e no ensino dos jogos esportes coletivos. Revista de Educação Física da UEM. Vol. 25. Núm. 1. 2014. p. 153-162.

GARGANTA, J. M. **Modelação táctica do jogo de Futebol**: Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. 1997. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) - Universidade do Porto Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, 1997.

Garganta, J.M. Análisis del juego en el fútbol: El recorrido evolutivo de las concepciones, métodos e instrumentos. Revista de Entrenamiento Deportivo. 2000. p. 5-14.

GARGANTA, J. M. Futebol e Ciência. Ciência e Futebol. **Digital**, n. 40, 2001.

GARGANTA, J. O treino da tática e da técnica nos jogos desportivos à luz do compromisso cognição-acção. In: BARBANTI, V. J.; BENTO, J. O.; MARQUES, A. T.; AMADIO, A. C. (Org.). **Esporte e atividade física**: interação entre rendimento e qualidade de vida. São Paulo: Manole, 2002.

GARGANTA, J.; GRÉHAIGNE, J. F. A abordagem sistêmica do jogo de futebol: moda ou necessidade. **Movimento**, v. 10, n. 1, p. 40-50, 1999. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2457/1122>>.

Garganta, J.M. A análise da performance nos jogos desportivos - Revisão acerca da análise do jogo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. Vol. 1. Núm. 1. 2001. p. 57-64.

Gil, A. Futebol: Análise do Resultado Final. Estudo de Quatro Ligas Profissionais Europeias. Dissertação de Mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa. 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

HUGHES, M. National analysis. In: REILLY, T. (Org.). **Science and soccer**. Londres: E & FN Spon, 1996. p. 343-362.

HUGHES, M.; BARTLETT, R. The use of performance indicators in performance analysis. **Journal of Sports Sciences**, London, v.20, p.739-54, 2002.

Hughes, M.; Franks, I. *The Essentials of Performance Analysis: An Introduction*. Londres. Routledge. 2007.

Libâneo, J.C. *Didática*. 2ª edição. São Paulo. Cortez. 2013.

Pereira, L.F.G. *Modelação do jogo de futebol - Comparação das percepções dos treinadores: Modelo de Jogo Ideal versus Modelo de Jogo Real*. 2006.

Reverdito, R.S.; Scaglia, A.J.: *Pedagogia do Esporte: jogos coletivos de invasão*. São Paulo. Phorte. 2009.

SANTANA, W. C. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 01-22.

SANTOS, J. **O planeamento e periodização do treino em futebol**: um estudo realizado em clubes da Superliga. 2006. Dissertação (Mestrado em treino de Alto Rendimento) - Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa, 2006.

SCAGLIA, A. J. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. Campinas. 1999. 242f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

Scaglia, A.J. O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes. 2003. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2003.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol e as brincadeiras de bola**. São Paulo: Phorte, 2011.

Scaglia, A.J.; Reverdito, R.S.; Leonardo, L.; Lizana, C.J.R. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. *Revista Movimento*. Vol. 19. Núm. 4. 2013. p. 227-249.

SILVA, PEDRO MIGUEL; CASTELO, JORGE; SANTOS, PEDRO. Caracterização do processo de análise do jogo em clubes da 1ª liga portuguesa profissional de futebol na época 2005/2006. **REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE**, SÃO PAULO, v. 25, n. 3, p. 441-53, 2011.

VÁZQUEZ, A. V. **Fútbol**. Del análisis del juego a la edición de informes técnicos. Vigo: Moreno y Conde Sports, 2012.

Ventura, N. *Observar para Ganhar - O Scouting como Ferramenta do Treinador*. Lisboa. Prime Books. 2013.

## **ANEXO 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA**

### **BLOCO 1**

1. Qual é o objetivo de fazer uma análise em competição e em treino?
2. O que você busca olhar e coletar a respeito dos dados, para fazer análise?
3. Para quem você organiza os dados coletados?  
\*(e para os jogadores e para os dirigentes?)

### **BLOCO 2**

4. O que você faz com os dados coletados?
5. A partir do que você constrói os protocolos de análise de jogo?
6. Como é a participação do treinador referente a construção da coleta de dados?
7. Como é a seleção de conteúdo?
8. Como você organiza os dados coletados?

### **BLOCO 3**

9. Como é a intervenção desses dados, ou seja, como esses dados são aplicados na prática?
10. Qual a sua perspectiva, em uma avaliação específica e geral, do seu trabalho enquanto analista a partir dos dados coletados junto ao processo de treino e competição?